



LARYSSA DOS SANTOS RIBEIRO

**DO FOGO À PASSAGEM DA BOIADA: A CONSTRUÇÃO DE UMA
PRERROGATIVA NEGACIONISTA AMBIENTAL NO BRASIL FRENTE AOS
INCÊNDIOS FLORESTAIS (2019 – 2021)**

PARNAÍBA-PI 2025

LARYSSA DOS SANTOS RIBEIRO

**DO FOGO À PASSAGEM DA BOIADA: A CONSTRUÇÃO DE UMA
PRERROGATIVA NEGACIONISTA AMBIENTAL NO BRASIL FRENTE AOS
INCÊNDIOS FLORESTAIS (2019 – 2021)**

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Piauí, campus
Professor Alexandre Alves de Oliveira, como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

Orientador: Professor Dr. Fernando Bagiotto Botton

PARNAÍBA-PI 2025.

R484F Ribeiro, Laryssa Dos Santos.

Do fogo à passagem da boiada : prerrogativa negacionista ambiental no Brasil frente aos incêndios florestais (2019 - 2021) / Laryssa Dos Santos Ribeiro. - 2025.
103 f.: il.

Monografia (graduação) - Licenciatura em História, Universidade Estadual do Piauí, 2025.

"Orientador: Prof. Dr. Fernando Bagiotto Botton".

1. Negacionismo Ambiental. 2. Incêndios Florestais. 3. Amazônia. I. Botton, Fernando Bagiotto. II. Título.

CDD 981.1

Dedico este trabalho aos meu país, as duas pessoas mais importantes da minha vida, que me amaram, me educaram, me apoiaram e acreditaram em mim mesmo quando nem eu mesma acreditava. Graças a vocês eu pude entrar e me manter em uma universidade, muito obrigada a todos os sacrifícios que vocês fizeram que propiciaram a escrita deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos para o meu Trabalho de Conclusão de Curso é provavelmente o momento mais emocionante de minha formação, posso observar em retrospectiva minha trajetória passando em minha cabeça como um filme. Primeiramente agradeço a Deus, pelas oportunidades e por ter chegado onde cheguei, secundamente agradeço a minha família, minha mãe Joelice Praxedes e meu pai Edson Ribeiro que sempre me apoiaram em cada um dos meus senhos e me deram todo o suporte possível mesmo quando realmente acreditei que iria desmoronar em sentimentos, agradeço por terem me dado a melhor educação possível e por terem me feito chegar até aqui, sem vocês eu não seria absolutamente nada. Agradeço aos meus irmãos Leticia e Lucas pelas brincadeiras, implicâncias e apoio que só irmãos podem entender, ao meu estresse fraterno e Tiça, eu amo vocês mais do que palavras podem expressar (mesmo quando vocês me fazem passar raiva ou comem a minha comida). Agradeço a minha sobrinha Gianna Maria por com apenas três anos me fazer dar as risadas mais sinceras ao falar que “estava com problemas no seu TCC” e que escreveria sobre “O mundo da Mia”, sua animação favorita. Agradeço ao ronronado do meu gato em meu colo enquanto escrevia e as risadas de meus sobrinhos atrás da porta. A minha família, vocês foram a minha base, o meu Norte, minha motivação e minha esperança, por vocês eu tentei, e por vocês continuarei tentando.

Agradeço ao meu grupo de amigas que absolutamente sempre estiveram do meu lado e me apoiaram, muito obrigada a Karina Souza, a minha amizade mais longa, pelos sábados de macarrão ao molho branco, as danças na cozinha de sua casa e por ouvir meus relatos sobre a “vida de universitária” enquanto ríamos e relembávamos momentos de infância, agradeço a Caroline Firmo, minha irmã de alma, por cada momento em que rimos ou choramos juntas, e pelos momentos em que brincamos que nossa vida em conjunto parceria com uma sitcom, pelos momentos de insônia em conjunto em que conversávamos sobre as coisas mais aleatórias possíveis, por ler meus textos e apontar correções e conselhos (Caroline, acho que esse momento encerra a sétima temporada da nossa amizade, te vejo na oitava), agradeço ao meu grupo de “históriamigas” adoradoras de gatos Maria Julia Hortencio, Kaylane Moraes, Ana Vitória Moura e Stephanny Cruz pelos encontros para estudos coletivos, as saídas para tomar açaí antes das aulas, o compartilhamento de experiências, as brincadeiras durante os momentos difíceis. Garotas vocês não têm ideia como sou grata por tê-las conhecido e de como nossa experiência juntas me marcou para a vida, espero muito poder continuar a bater palmas em pé após cada uma de suas conquistas.

Meus mais sinceros “muito obrigada” ao meu grupo de professores da universidade em que estudei, muito obrigada por amarem genuinamente a profissão de vocês, muito obrigada por terem me ensinado e apoiado, muito obrigada por acreditarem na educação e dado aula apesar de todas as adversidades que sei que enfrentam. E ao meu orientador Fernando Botton, o meu oráculo pessoal, por ter aceitado todo o estresse que lhe fiz passar, por ter me orientado, me ensinado e me apoiado, professor o senhor se tornou a minha referência de profissional, muito obrigada por desembaraçar meus pensamentos acadêmicos confusos com as soluções mais simples, pelos conselhos e sugestões, pelas trocas de figurinhas de capivaras e gatinhos, e por ter me “pegado pela mãozinha” e me conduzido da melhor forma possível.

E por último, obrigada a Laryssa de sete anos que assistiu algum documentário e viu o nome “historiador” pela primeira vez e perguntou se garotas poderiam ser historiadoras para a sua professora da época. Larinha, obrigada por ser curiosa, acho que nós conseguimos.

“É possível mudar essa situação em que se encontra nosso meio ambiente por meio de pequenos e constantes passos e ações, como nós, formigas, fazemos. Senhor presidente, esperamos sua ajuda. Dê vida a essas propostas como se fosse uma formiguinha, ajudando esse grande formigueiro que é nosso Brasil.”

A formiguinha e o presidente

RESUMO

O ano de 2019 foi caracterizado como o primeiro ano de gestão governamental de Jair Messias Bolsonaro e de seu então ministro do meio ambiente Ricardo Salles. Este também se tratou de um ano crítico para os debates ambientalistas, onde a barragem de Brumadinho se romperia, óleos vazariam nas praias da região nordeste do país e as tachas de incêndios florestais se encontrariam em alta na região correspondente ao bioma Amazonia, aspecto que passa a causar comoção nacional e internacional. O ano seguinte seria marcado pela pandemia mundial do COVID-19, em conjunto com uma nova leva de incêndios florestais, já no ano de 2021 Ricardo Salles pediria sua demissão do ministério do meio ambiente e o grupo Brasil Paralelo lançaria o documentário *Cortina de Fumaça*, produção audiovisual que passa a receber críticas de se tratar de uma produção negacionista. O presente trabalho visará dissertar acerca de tais ocorrências, possuindo como recorte temporal os anos de 2019 – 2021.

Palavras-chave: Negacionismo ambiental, incêndios florestais, Amazonia.

ABSTRACT

The year 2019 was characterized as the first year of government administration by Jair Messias Bolsonaro and his then Minister of the Environment, Ricardo Salles. It was also a critical year for environmental debates, with the Brumadinho dam collapse, oil spills on beaches in the northeast of the country, and a surge in forest fires in the Amazon biome, causing national and international outrage. The following year would be marked by the global COVID-19 pandemic, along with a new wave of forest fires. In 2021, Ricardo Salles would resign from the Ministry of the Environment, and the group Brasil Paralelo would release the documentary *Cortina de Fumaça* (Smoke Screen), an audiovisual production that has been criticized for being denialist. This paper will discuss these events, focusing on the period from 2019 to 2021.

Keywords: Environmental denialism, forest fires, Amazon.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 DO INFERNO METAFÓRICO ÀS TRAGÉDIAS ANUNCIADAS: OS INCÊNDIOS FLORESTAIS NA AMAZONIA LEGAL.....	15
2.1 O Inferno Verde queima em vermelho Brasil.	16
2.2 O Novo Mundo cheira à fumaça do Éden queimado em 2019.....	19
2.3 Uma odisseia à história ambiental: do Antropoceno ao Piroceno	25
2.4 Ambientalismo de proveta?	27
3 HISTÓRIA EM CINZAS: INFORMAÇÕES EM JOGO	35
3.2 Entre as <i>fakes news</i> e os <i> fatos</i>	40
3.3 O <i>Eco</i> pós ocorrências: Redes sociais em uso.....	44
4 O NEGACIONISMO AMBIENTAL A PARTIR DE INCÊNDIOS FLORESTAIS NA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL “CORTINA DE FUMAÇA”	48
4.1 Entre metodologias e fumaça	48
4.2 Uma breve exposição de construção do audiovisual Cortina de Fumaça.....	50
4.3 A boiada invade a tela	55
4.4 O negacionismo ambiental de Cortina de Fumaça	56
4.5 Possibilidades pedagógicas.....	58
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERENCIAS	62
Fontes	62
Sites	62
Bibliografias	63
ANEXOS	68
A lenda de Kauê	70
Peças para jogo dos sons:	70

Card games	71
Peças para jogo da memória:	72
Quebra cabeça:	74
Batalha dos elementos:	75
Manual para o jogo:	76

1 INTRODUÇÃO

O livro infantil *A formiguinha e o presidente*, de Fábio Carvalho, retratam a história de Gil, uma formiga cortadeira que voa para Brasília nas asas de sua amiga arara Amarelinha com o intuito de relatar ao presidente da república do Brasil as questões ambientais ocorridas na floresta Amazonia, tais como o desmatamento e as queimadas. A pequena história possui apenas treze páginas, se caracterizando como um livreto que contribui para o processo de alfabetização, mas em meu caso foi possivelmente a primeira obra a me apresentar o debate acerca das queimadas na região amazônica em meus seis ou sete anos de idade.

No ano de 2019 foi empossado para o cargo de Presidente da República Federativa do Brasil o candidato Jair Messias Bolsonaro, vencedor das eleições de 2018 e estando cercado por polemicas e controvérsias. Enquanto instancia de poder o então presidente delega ao cargo de Ministro do Meio Ambiente Ricardo de Aquino Salles, fundador do movimento Endireita Brasil, se auto denominando como um conservador liberal, não possuindo credenciais previas relacionadas a preservação ambiental, estando a frente de uma gestão marcada por polemicas de cunho ambiental com acusações de desmanches econômicos para com a instituições Ibama e ICMBio, escândalos relacionados a ligações extraoficiais com madeireiras e a famigerada frase “então pra isso precisa ter um esforço nosso aqui enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de covid, e ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas”, afirmação contestável onde sugere o aproveitamento do cenário pandêmico e de instabilidade social acarretado pela ascensão do vírus Covid-19 para a realização de reformulações de políticas ambientais com o intuito de “afrouxar” regras ambientais.

Em 2019 também se denota um notório aumento nos focos de incêndios florestais na região correspondente a Amazônia Legal, fato que passa a repercutir tanto nos parâmetros nacionais quanto internacionais, com a expressão “emergência climática” tendo sido eleita como palavra do ano pelo Dicionário Oxford durante o período. O cenário de crise ecossistêmica também propiciou a propagação tanto de discursos tanto negacionistas quanto rodeados alarmistas. Partindo de tal premissa o presente escrito visará se debruçar em análise acerca dos incêndios florestais ocorridos em território brasileiro, sobretudo nas regiões correspondentes a Amazônia Legal e Pantanal, com um recorte estabelecido na temporalidade dos anos de 2019 até 2021, analisando também a atuação de Ricardo Salles enquanto figura de poder para com as ocorrências de aumentos de focos de incêndio e desmatamento, partindo de reflexões de cunho comparativa em conjunto aos códigos florestais brasileiros dos anos de

1934, 1965, 2012, com o papel de grandes veículos de mídia nacional na transmissão de notícias relacionadas aos incêndios e a presença de uma construção discursiva e argumentativa que nega a gravidade de tais eventos.

Partindo de tal proposição, a opção para com a escolha da presente temática parte de relações pessoais ligadas a memória e percepções relacionadas à questão anteriormente exposta, bem como também inquietações vinculadas às propagações de *Fake News*¹ em mídias sociais e a constituição de discursos relacionados ao negacionismo “ambiental” formulados frente aos incêndios de 2019. A exemplo se denota uma fotográfica onde se observa uma mãe macaco segurando o seu filhote aparentemente desfalecido em seu colo, imagem de autoria de Avinash Lodhin, fotógrafo indiano que capturou a imagem no ano de 2017 e em depoimentos afirma que o filhote apenas teria tropeçado, mas passaria bem. Essa mesma imagem ressurgiu no ano de 2019 nas redes sociais e passa a ser associada aos incêndios ocorridos na região da Amazônia Legal, onde internautas e celebridades repercutem a imagem que se atrela ao discurso de que “se os animais possuíssem religião, o ser humano seria seu demônio”. Esta notícia falsa foi desmentida no mesmo ano, tendo sido provavelmente o primeiro contato da presente autoria com discursões que se relacionam ao ramo da história ambiental. Esta mesma imagem ressurgiu dessa vez no ano de 2021, mas agora sendo associada ao veículo Brasil Paralelo, que a articula como propaganda para o seu documentário intitulado *Cortina de Fumaça*, que teria como intuito a “desmistificação” de discursos ambientalistas e traria como pauta a normalidade de incêndios florestais, elencando em sua formulação notórias afirmações de cunho negacionistas e conspiracionistas para com os debates ambientais nacionais.

Desse modo a presente dissertação se direcionará a análises de periódicos, discursos de figuras com ligação direta ou indireta com o Ministério do Meio Ambiente, como a do então ministro durante o recorte estabelecido, Ricardo Salles, matérias jornalísticas vinculadas a grande mídia nacional como mecanismo de análise para a compreensão de como as notícias foram vinculadas (sobretudo nos programas: Jornal Nacional, SBT Brasil, Fantástico, e Domingo Espetacular) bem como as principais “tags”² relacionadas as mídias sociais Twitter³,

¹ Denominação em inglês que visa retratar o fenômeno da circulação de notícias falsas

² Hashtags ou etiquetas que categorizam temáticas específicas através do símbolo “#”, utilizado também como um mecanismo de pesquisa nas redes sociais.

³ Rede social caracterizada pelo compartilhamento de ideias, opiniões e notícias, tendo tido seu nome alterado para “X” após sua compra pelo empresário Elon Musk.

Facebook e Instagram com o intuito de assimilar de que modo as notícias foram transmitidas e as discussões que estas geraram durante o período.

A priori será apresentado na presente exposição em primeira instancia uma breve contextualização acerca dos debates ambientais que circundam o recorte temporal estabelecido, realizando uma análise crítica acerca das queimadas na região correspondente a Amazônia Legal. Em seguida será estabelecido reflexões relacionadas ao crescimento exponencial das taxas de focos de incêndios florestais dentro do recorte espacial bem como sua repercussão em âmbitos nacional e internacional. Na segunda parte será desenvolvido apontamentos acerca das atuações da instância governamental *Ministério do Meio Ambiente*, com concentração majoritária na figura de Ricardo Salles e suas ações no dentro do ministério, bem como também o seu manejo de crise. Na terceira parte será analisado a partir dos *incêndios florestais* relacionados ao período a constituição de um cenário resguardado por *discursos negacionistas* pautados na abnegação da gravidade de tais eventos através da construção de um discurso de “normalidade” para com as ocorrências na região da Amazônica e com ponderações sobre o Pantanal. Nesta mesma seção também será evidenciado as consequências não apenas ambientais como também humanitárias causadas pela presença do fogo e da fumaça na espacialidade através de considerações direcionadas aos conceitos de *racismo ambiental* e a presença de afirmações *ecofacistas* nas mídias sociais.

Para contribuir com a presente exposição será articulado textos como “O antropoceno: sobre modos de compor o mundo” com organização de Stelio Marras e Renzo Taddei, “Conquistar a terra, dominar a água, sujeitar a floresta” (Marras; Taddei, 2022); “Cortina de Fumaça” - Negacionismo ambiental e imaginário colonial no YouTube (Dayrell; Michelotti; Fabrino, 2024); As Três Dimensões do Fogo Florestal (Negreiros, 2024) assim como também outros textos com o intuito de fortalecimento argumentativo e teórico.

O negacionismo climático é uma questão atual sem perspectiva de encerramento, suas bases circundam os discursos de políticos, autoridades governamentais, professores, a juventude contemporânea, e uma camada significativa da população brasileira. As discussões sobre os impactos de tais construções se provam necessárias quando se tem a figura de um indivíduo que na condição de ministro do meio ambiente atenta contra instituições ligadas a preservação ambiental e passa a ter seu nome associado a tantos escândalos, que em um período marcado por um governo abertamente negacionista e com posicionamentos claros sobre suas intenções para com comunidades tradicionais e demarcação de terras, possui a exoneração do cargo ao qual lhe foi designado. 2019 se prova um ano promissor para com a presente

argumentação a partir do ponto em que seus eventos se tornam tão notórios que passam a ser balizados temporalmente. Neste ano a Conferência Internacional de Sobre Incêndios Florestais (Widfire 2019) ocorre no Brasil, o aumento exponencial das taxas de desmatamento, e em conjunto, produtores rurais conspiram para atear fogo em áreas de preservação florestal, a barragem na cidade de Brumadinho Rompe, óleo vaza em praias na região Nordeste, as discussões não se encerram em tal ano, mas este será elencado como uma baliza de inserção temporal.

Discutir acerca de questões ambientais no século XXI não se trata de uma “tendência” científica, mas sobretudo de uma necessidade. O aquecimento global não é conspiracionismo, a demarcação de terras é necessária, às comunidades nacionais necessitam de apoio social e governamental, o desmatamento é uma questão importante que deve continuar em pauta, os incêndios florestais prejudicam não apenas fauna e flora, mas também a sociedade, e o negacionismo climático deve ser combatido. O antropoceno pode ter sido desconsiderado como uma era geológica, mas na presente dissertação ele será articulado como uma era social.

2 DO INFERNO METAFÓRICO ÀS TRAGÉDIAS ANUNCIADAS: OS INCÊNDIOS FLORESTAIS NA AMAZONIA LEGAL

Não conseguiram cristalizar-se, salvo como opiniões individuais e sem muita forma de contágio, em qualquer coisa que merecesse chamar-se um antiparaíso ou, se quiserem, urna visão do inferno, capaz de contrapor-se as inumeráveis visões edênicas que inspiraram as novas terras.
(Sergio Buarque de Holanda, 1958)

Mais apropriado que o “Era uma vez” talvez seja um “É agora”. Não incomumente se aprende nas escolas acerca da bandeira do Brasil, verde representaria as florestas, amarelo o ouro, azul o céu e as águas e branco a paz, não ironicamente estas cores também representam a casa real de Bragança. Era uma vez Brasil, mas antes Pindorama, e estas cores, 525 anos após a invasão portuguesa agora podem ser ressignificadas a partir de suas contrariedades, verde dos 64,5% da mata nativa ainda restante⁴, amarelo da mineração ilegal das riquezas naturais, azul da água poluída e do céu acinzentado pela poluição nas grandes metrópoles, o branco da paz a qual povos tradicionais permanecem em busca.

Geograficamente o território Brasileiro encontra-se dividido em seis biomas⁵, sendo estes a Caatinga, o Cerrado, a Mata Atlântica, o Pampas, o Pantanal e a Amazônia, sobre este último o presente escrito visa se debruçar. Conhecida como o “pulmão do mundo” (embora que não o seja, uma vez que esta função se encontra delegada aos oceanos), possui uma biodiversidade notória, uma grande variedade de espécies de animais e vegetais, fauna e flora ainda sendo catalogadas, abrangendo grande quantidade de rios, riachos e lagoas. Um ecossistema próprio em interação continua, não se restringindo apenas ao Brasil, cortando também países como Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa e Peru, mas a sua maior porcentagem encontra-se no Brasil, onde é dividida a partir de denominação de Amazônia Legal, uma área que abrange os estados de Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e Maranhão (IBGE, 2024).

⁴ De acordo com a instituição MapBiomas por senso em 2024. Disponível em: <https://brasil.mapbiomas.org/2024/08/21/em-2023-a-perda-de-areas-naturais-no-brasil-atinge-a-marca-historica-de-33-do-territorio/#:~:text=Em%202023%2C%20a%20perda%20de,marca%20de%2033%25%20do%20territ%C3%B3rio&text=Novos%20dados%20do%20MapBiomas%20mostram,1985%20totalizava%2020%25%20do%20territ%C3%B3rio.>

⁵ Classificação geográfica que abarca características comuns, tais como vegetação, clima e biodiversidade. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) também o classificaria como um “conjunto de vida vegetal e animal constituído pelo agrupamento de tipos de vegetação que são próximos e que podem ser identificados em nível regional.”

A região amazônica é constantemente alvo de olhares cobiçosos, protagonizou o ciclo econômico da borracha, atraindo seringueiros para suas entranhas, foi objeto de desbravamento durante o século XX, e atualmente encontrasse sobre a especulação de petrolíferas. O Mundo se vira para a Amazônia em um fetichismo de área selvagem, o ídolo do mistério inóspito, um símbolo e uma lenda, um pedaço do *verde* que ainda resta, 523 anos depois, ainda um Novo Mundo no mito edênico de paraíso perdido, ameaçado pela Eva do produtivíssimos.

2.1 O Inferno Verde queima em vermelho Brasil.

Misteriosa e incompreensível são adjetivos cunhados por Euclides da Cunha ao descrever o território amazônico na obra “Inferno Verde: cenas e cenários do Amazonas” de autoria de Alberto Rangel (referenciar ano). De fato, o título se torna bastante apropriado a visão ocidentalizada acerca da região, como um ambiente semi-inóspito e selvagem, nocivo a permanência humana em sua amplitude tropical. A reflexo disso, a noção de Amazônia relegada a uma posição de “periferia” da história pré-colonial latino-americana como apontado pelo arqueólogo Eduardo Neves (Neves, 1999)

A projeção etnográfica com relação a vivências de povos indígenas e tradicionais da região, em um comparativo para com um passado, através de analogias que projetam tais vivências, sobretudo indígenas a um passado contribuem para a ideia de “atraso” em seu território, um atraso com relação a modernidade, um atraso com relação ao Brasil, um atraso que legitimaria a exploração dos recursos naturais vigentes na região, afinal, já não se trataria de um meio para um fim econômico, mas a “salvação” das comunidades tradicionais que habitam seu espaço geográfico. Desse modo a noção de *Natureza provedora em um eterno retorno* se concretiza a partir do desejo da exploração, e a visão de uma *mãe* natureza que tudo disponibiliza se contrapõe em antítese a vivência cordial entre animais humanos e não humanos em conjunto com um meio. Desse modo a função de um meio natural se qualificaria a partir da sua funcionalidade para a vida humana, e da sua capacidade enquanto provedora de recursos naturais e de subsistência.

A partir disso o inferno verde indesejado passa a se tornar atrativo a ação ocidentalizante através do viés econômico e a partir da possibilidade de exploração. Com isso, ainda no século XIX ocorre o ciclo econômico da borracha com um movimento diaspórico em prol do látex onde:

Os seringalistas não tinham uma mentalidade conservacionista. Se fosse necessário, teriam ordenado o corte de quantas seringueiras existissem. Mas era preciso manter a árvore viva para extrair seu látex. Mais ainda, não se podia destruir a floresta, pois a saúde das seringueiras vivas requeria sua interação ecológica com as outras árvores e

elementos da mata. Assim, os seringais adotaram normas de conservação florestal. Em outras palavras, aspectos importantes daquele processo histórico não foram motivados pelo arbítrio humano, mas pela fisicalidade dos elementos naturais. (Pádua, 2010, p.551)

Já no século XX, durante o Estado Novo⁶, Getúlio Vargas apontaria a importância da região para o desenvolvimento econômico do país, visível ao longo do discurso do Rio Amazonas⁷, realizado em 10 de outubro de 1940 em Manaus, onde afirmaria que:

“Com os primeiros conhecimentos da Pátria maior, êste vale maravilhoso aparece ao espírito jovem, simbolizando a grandeza territorial, a feracidade inigualável, os fenômenos peculiares, a vida primitiva e a luta pela existência em tôda a sua pitoresca e perigosa extensão.[...] Até agora o clima caluniado impediu que de outras regiões com excesso demográfico viessem os contingentes humanos de que carece a Amazônia. Vulgarizou-se a noção, hoje desautorizada, de que as terras equatoriais são impróprias à civilização. Os fatos e as conquistas da técnica provam o contrário e mostram, com o nosso próprio exemplo, como é possível, às margens do grande rio, implantar uma civilização única e peculiar, rica de elementos vitais e apta a crescer e prosperar. [...] Vim para ver e observar, de perto, as condições de realização do plano de reerguimento da Amazônia. Todo o Brasil tem os olhos voltados para o Norte, com o desejo patriótico de auxiliar o surto do seu desenvolvimento. E não somente os brasileiros; também os estrangeiros, técnicos e homens de negócio, virão colaborar nessa obra, aplicando-lhe a sua experiência e os seus capitais, com o objetivo de aumentar o comércio e as indústrias e não, como acontecia antes, visando formar latifúndios e absorver a posse da terra, que legitimamente pertence ao caboclo brasileiro.” (Vargas, 1940)

O trecho em questão evoca via discurso tanto a “vida primitiva” e a “pitoresca e perigosa extensão”, ao passo em que aponta uma vulgarização por parte da ideia de inospitalidade para com uma ação civilizatória, evocando potencial econômico e o direcionamento das atenções nacionais e internacionais. A pretensão desenvolvimentista também se evoca a partir da capitalização via comércio, indústria, o que segundo o presidente, seria contrária a formação anteriores de latifúndios. De fato, a Era de Estado Novo no Brasil também se encontra marcada por sua própria política de marcha para o oeste (ou mais simbolicamente perante a análise, Marcha para o Norte)

Dois fatores colaboraram com o aumento de citações à Amazônia nos primeiros anos da década de 1940: o programa de governo “Marcha para o Oeste”, que definiu a Amazônia como um lugar a ser ‘conquistado’ pelo poder central, e a viagem de Getúlio Vargas à região em 1940, quando proferiu o discurso denominado posteriormente de “Discurso do rio Amazonas”, amplamente divulgado pela propaganda governamental como a nova ‘descoberta’ da região. (Andrade, 2010, p. 454)

A máscara do desenvolvimentismo na região também se fez evidente durante a construção da rodovia BR- 230, ou Transamazônica, uma ligação de 4.260 km de extensão em

⁶ Período histórico marcado pela ditadura varguista a partir do plano Cohen, com duração de 1937 a 1945.

⁷ Discurso realizado por Getúlio Vargas no estado de Manaus. Disponível em: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/publication/discurso-do-rio-amazonas/>

sentido leste-oeste, criada em períodos de Regime Militar, inacabada e custosa para com os desapropriamentos realizados para a sua constituição, bem como o desmatamento efetuado, os conflitos com moradores e as desvivências.

O Inferno verde encontra-se atravessado pelo discurso de potencialidade econômica a mais de um século, a promessa de modernização sem medida de custos morais, cívicos ou ambientais. Ainda no prefácio cunhado por Euclides da Cunha, o autor apontaria que “ a Amazônia é a última página a escrever-se, do Genesis” (Cunha, 1908), uma contradição a ideia de Inferno versus Éden, com isso podendo ser analisado a partir de premissa de natureza bíblica que expulsa o ser humano de suas fronteiras, mas essa expulsão não se daria portanto a todos os indivíduos, afinal, não se poderia desconsiderar a existência de indivíduos que habitam o seio da Floresta Amazônica, a existência de comunidades tradicionais e originárias que não se alinhariam encarariam a partir da noção de um Inferno Verde. Com isso a promessa de modernidade ocidentalizante adentraria as fronteiras de um Éden já constituído.

Se abandonar a ideia de Inferno Verde ao desenvolvimentismo, a região amazônica se constituiria como o éden da economia a partir de seu potencial de exploração, e para a constituição desta exploração, portanto seria necessário a retirada de Adão e Eva do paraíso da potencialidade. Essa retirada se efetua a partir do descaso governamental, da atuação de madeireiras ilegais, da mineração e do massacre genocida. Não incomumente a região amazônica é levantada discursivamente como parâmetro argumentativo sobre a promessa de proteção, e a partir deste levantamento o presente escrito adentra no recorte temporal proposto. No ano de 2019, primeiro ano de mandato de Jair Messias Bolsonaro enquanto Presidente do Brasil e de Ricardo Salles enquanto Ministro do Meio Ambiente, os olhares se voltavam para a região amazônica a partir da presença de focos de queimadas em aumento exponencial. A gestão governamental passa a sofrer pressões nacionais e internacionais acerca de políticas de manejo de controle de crise ambiental frente a um desmonte das políticas ambientais nacionais.

Historicamente, a economia local da região correspondente a Amazônia legal encontra-se direcionada ao extrativismo vegetal e mineral. A utilização do fogo em práticas agrícolas trata-se de uma ação recorrente, onde se visa a nivelção do solo para o plantio, entretanto ao entrave da prática também se denota a possibilidade de infertilidade do solo a partir da destruição de nutrientes substanciais para um crescimento favorável de uma plantação.

A prática de queimadas, tradicionalmente usada na agricultura, envolve o uso controlado do fogo, mas pode sair do controle e causar incêndios florestais. Existem queimadas naturais e antrópicas, sendo as últimas provocadas intencionalmente por atividades humanas. Essas queimadas podem ser causadas pela limpeza de áreas para agricultura, pecuária ou expansão urbana,

e pelo uso do fogo na preparação do solo destruindo grandes áreas de vegetação nativa (Macedo e Biazussi, 2017 p.3).

O manejo de fogo em zonas de mata nativa é proibido pela Lei nº 9.605/1998, que classifica a prática como um crime ambiental, a má condução das queimadas pode adquirir proporções drásticas que levam a incêndios florestais. Entretanto a presença de incêndios florestais não se deve apenas a partir de atuação humana de se “atear fogo”, em períodos do ano a ação de incêndios florestais encontra-se favorecida pela estação, pelos ventos ou por estiagem hídrica, entretanto as causas naturais podem ser cataclismadas por fatores não naturais, como o desmatamento. A atuação do fogo fora de controle não representa apenas uma constante nociva a biodiversidade e sociobiodiversidade, como também as próprias condições climáticas através das emissões de dióxido de carbono na atmosfera, que em conjunto a fatores endógenos aos seres humanos, como a queima de combustíveis fósseis, intensificam o aquecimento global.

Na contramão do manejo do fogo com finalidades agrícolas, ou a sua atuação enquanto fator natural, vale-se ressaltar o seu emprego a partir de práticas de crimes ambientais, acerca desta característica de resalta o denominado “Dia do fogo”, evento ocorrido em agosto de 2019 na região correspondente ao Estado do Pará, onde um grupo de fazendeiros e mineradores em articulação mútua compilam uma ação para o “atear” de fogo em vegetação nativa com o intuito de modificar a condição prevista por lei de zona de preservação para uma potencial zona de exploração, sobretudo para o agronegócio.

2.2 O Novo Mundo cheira à fumaça do Éden queimado em 2019

No dia 23 de agosto de 2019 o programa jornalístico Jornal Nacional, no ar desde 1969, em edição ancorada pelos jornalistas William Bonner e Renata Vasconcelos noticiava no horário nobre da TV Globo, às 20h30, o aumento exponencial das queimadas em território amazônico. A edição iniciava com a matéria intitulada “Bolsonaro autoriza Forças armadas contra queimada na Amazônia”, a edição somava doze verbetes sobre a questão amazônica, mais da metade da duração do programa, que no dia totalizava 48 minutos de extensão. O episódio se tratou de um momento ímpar para as discussões acerca das queimadas na Amazônia e emergência climática, trazendo tanto o posicionamento do governo regente na ocasião, quanto a repercussão nacional e internacional a partir de protestos e ameaças de retaliações comerciais por parte de Emmanuel Macron, presidente francês, Irlanda, Finlândia, Reino Unido, Canadá, Alemanha também são citados na matéria através de pronunciamentos acerca de suas preocupações com relação a preservação da Floresta Amazônica, já Donald Trump é mencionado enquanto a manutenção de acordos comerciais e a possibilidade de prestação de

auxílio para o controle dos focos de incêndios. Já na matéria denominada “ Número de queimadas na Amazônia em 2019 é o maior desde 2010, diz INPE”⁸, traria entrevistas de Douglas Morton, Chef de Ciências Biosféricas da Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço (NASA) e o pesquisador da Universidade da Califórnia Dean Henderson, assim como também uma relação de interdependência, uma fatoraçoão onde as árvores desmatadas ao secarem ao sol queimariam com maior facilidade, sendo assim, estas mesmas árvores ao exerceriam o papel de lenha na grande pira dos incêndios florestais. Ao final da edição uma mensagem pairava implicitamente, o mundo “estava de olho” na Amazônia.

Na noite de 23 de agosto de 2019 também seria exposto tanto por cadeia de rádio quanto por televisão por meio de convocação nacional um pronunciamento oficial⁹ por parte de Jair Bolsonaro acerca dos incêndios florestais e desmatamento, pronunciamento com 4 minutos e 47 segundos de duração transmitido as 20h30min pelo horário de Brasília, sendo passado anteriormente à edição de JN exposta. Em pronunciamento, o presidente apontou o seu respeito a floresta amazônica devido à sua formação militar e que “Para proteger a Amazônia não bastam operações de fiscalização, comando e controle. É preciso dar oportunidade a toda essa população, para que se desenvolva junto com o restante do País. É nesse sentido que trabalham todos os órgãos do governo” (Bolsonaro, 2019) e que “Outros países se solidarizaram com o Brasil. Ofereceram meios para combater as queimadas, bem como se prontificaram levar a posição brasileira junto ao G7. Incêndios florestais existem em todo o mundo e isso não pode servir pretexto para possíveis sanções internacionais”. A convocação de uma rede nacional foi realizada ligeiramente antes do programa Jornal Nacional daquela noite, em uma forma de resposta governamental a crescente pressão por respostas acerca da pauta. Na mesma ação o então presidente realizava menções ao Código florestal vigente, em atuação a partir de 2012 com reformulações em 2021, e a frequência acerca dos incêndios florestais na região, se dando estes devido fatores como “secas” e “ventos fortes”, entretanto, dentro da declaração presidencial, se denota uma fala reducionista de Bolsonaro, que afirma que “mesmo que as queimadas deste ano não estejam fora da média dos últimos 15 anos, não estamos satisfeitos com o que estamos assistindo. Vamos atuar fortemente para controlar os incêndios na Amazônia”, dado indiretamente desmentido na edição de Jornal Nacional, onde apresentaria o aumento das queimadas no mês de agosto em comparação aos dez anos anteriores.

⁸ Matéria disponível em: https://globoplay.globo.com/v/7867500/?utm_source Acessado em: 2 de junho de 2025

⁹ Transcrição disponibilizada na seção de anexos e online em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/pronunciamentos-oficiais/pronunciamento-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro> Acessado em 3 de junho de 2025.

Mas antes das conturbações provocadas na comunidade ambientalista pelo dia 23, vem o dia 22. Na ocasião seria convocado um gabinete de crise, onde Bolsonaro reuniria os ministros, dentre estes Ricardo Salles, na época responsável pela condução do Ministério do Meio Ambiente, para tratar da questão amazônica devido pressões internacionais, dentre elas a de Emmanuel Macron, que apontara a possibilidade de tratar acerca da questão em reunião do grupo G7, entidade geopolítica composta pelas “sete maiores economias do mundo” (Jornal Nacional, Rede Globo, 22 ago. 2019) .

Entretanto, considerações acerca do aumento exponencial dos focos de incêndios na região correspondente a Amazônia legal já estariam sendo *anunciado* pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) durante pesquisas de levantamento ao longo do mês de junho. Já no dia 19 de julho de 2019 Jair Bolsonaro teria realizado questionamentos acerca dos dados disponibilizados pelo instituto, já no dia seguinte Ricardo Galvão, na ocasião, ocupando a posição de diretor do INPE, teria concedido entrevista ao JN¹⁰, onde aponta seu sentimento de indignação perante desmerecimento de Bolsonaro aos dados disponibilizados pelo instituto na data anterior, e negando a acusação lhe direcionada por parte do presidente, a de que este estaria vinculada a “alguma ONG”, ao final de sua fala Galvão afirma a não pretensão de sua parte por um pedido de demissão. Bolsonaro se retratou de suas afirmações acerca dos dados disponibilizados em 22 de julho de 2019, entretanto Galvão seria desonerado de seu cargo no dia 2 de agosto.

O INPE possui sua fundação datada ao ano de 1961, mas apenas no ano de 1985 através de uma ação colaborativa com a NASA que os monitoramentos orbitais de queimadas e incêndios florestais passa a ser mediado, quando em julho de 1985 foram identificados focos de queimadas cuja fumaça emitida passa a contaminar milhões de quilômetros quadrados na região (Andreae et al., 1988). Atualmente o INPE conta com um sistema de monitoramento orbital que contribui para as políticas de gestão de crise climática uma vez que apresentam dados via estatística e análise de dados. Prestando apoio direto a órgãos de conservação como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Centro Integrado Multiagências de Coordenação Operacional Nacional (Ciman), Ministérios da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Ministério da Saúde, polícias ambientais, corpo de bombeiros e entre outros usuários governamentais. Com isso o INPE se prova como um importante aliado não apenas no que tange análise de dados, como também em políticas de gestão ambientais. As

¹⁰ Matéria disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7781357/> Acesso em: 2 de junho de 2025.

naturezas do trabalho executado pelo instituto assim como a grandeza de seus dados são detalhadas e amplas, com muitos dados sendo fornecidos quase em tempo real, desse modo o presente escrito será direcionado apenas para suas contribuições acerca de monitoramento, controle e dados acerca de incêndios florestais.

O programa de Queimadas do Inpe aponta não apenas dados sobre situações de focos de incêndios já em atuação como também áreas em risco potencial, comparativos com outros países, uma base de dados de acervos de focos de incêndios coletados desde 1998 e estatísticas por região e biomas¹¹.

Área queimada (km²)								
por bioma em Setembro de 2019								
Ano	Mês	Amazônia	Caatinga	Cerrado	Mata Atlântica	Pampa	Pantanal	Total mensal
2019	1	2.983	118	506	264	4	531	4.406
2019	2	1.598	23	316	288	15	538	2.778
2019	3	5.277	37	395	337	32	103	6.181
2019	4	1.911	16	815	130	55	126	3.053
2019	5	809	250	3.757	180	25	73	5.094
2019	6	1.763	357	8.455	1.579	184	342	12.680
2019	7	4.280	1.516	12.897	3.315	712	846	23.566
2019	8	24.688	3.736	35.379	4.270	262	3.907	72.242
2019	9	16.320	6.724	59.594	4.451	59	6.483	93.631
2019	10	5.364	18.494	18.548	2.517	21	5.188	50.132
2019	11	5.454	15.858	5.087	1.401	13	2.317	30.130
2019	12	1.803	8.389	1.902	459	16	380	12.949
Total anual		72.250	55.518	147.651	19.191	1.398	20.834	316.842

Figura 1. Áreas devastadas por km² em 2019. Inpe, 2019. Disponível em: <https://terrabrasilis.dpi.inpe.br/queimadas/aq1km/>.

Com base em dados disponibilizados pelo INPE, o mês de agosto de 2019 representou para o bioma *Amazônia* um crescimento exponencial de 24.688 Km² queimados, 20.408 Km² a mais do que no mês anterior. Uma equivalência também pode ser notada no bioma *Cerrado* na mesma temporalidade, uma queima de 35.379 Km² queimados, 22.482 Km² a mais do que no mês anterior. Em termos de proporção o bioma *Cerrado* queima mais, já no mês de setembro as queimadas na *Amazônia* decaem para 16.320 Km², enquanto no *cerrado* sobem para 59.594. Apesar dos números consideráveis relacionados ao bioma *Cerrado* em 2019, nas discursões públicas o bioma encontra-se relegado a “menor importância” quando comparado com o bioma *Amazônia*.

¹¹ Página oficial disponível em: <https://terrabrasilis.dpi.inpe.br/queimadas/portal/> acesso data

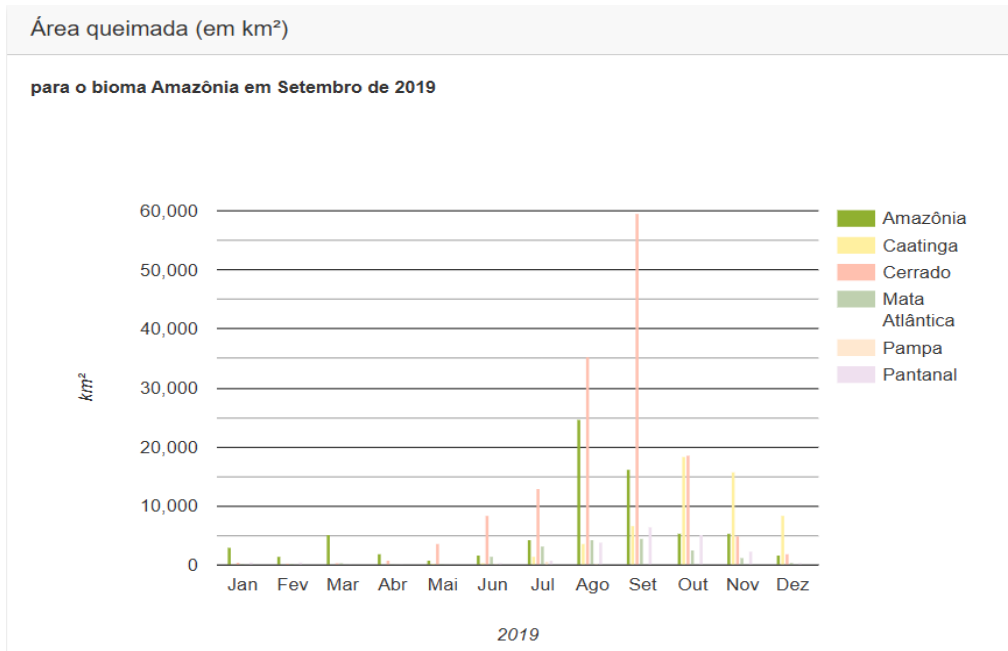


Figura 2. Comparativo entre queimadas em biomas brasileiros em setembro. Inpe, 2019. Disponível em: <https://terrabrasilis.dpi.inpe.br/queimadas/aq1km/>

Uma rápida análise acerca dos monitoramentos por região revelaria a Amazônia como o segundo bioma com maior extensão de queimadas por Km², estando atrás apenas do bioma cerrado. Sobre Cerrado, ações antrópicas como agropecuária, queimadas, e falta de planejamento para construção de cidades, corroboram para a destruição desse ecossistema. (Macedo e Bianzussi, 2017). Ainda no que tange ao bioma, biologicamente se percebe adaptações ecossistêmicas ao fogo, como árvores retorcidas com cascas grossas que gerariam maior resistência ao fogo frequente no bioma, com base nas incidências o bioma pode ficar “mais aberto” ou mais denso (Negreiros, 2024).

Sobre a região norte do país, ao se restringir as buscas na página oficial do INPE na aba Desmatamento. CAR com delimitação imposta aos meses de junho de 2019 a agosto de 2019, a pagina fornecera gráficos que apresentarão correlações entre a presença de queimadas e parâmetros de zonas com presença de desmatamento.

Classes com maior número de focos

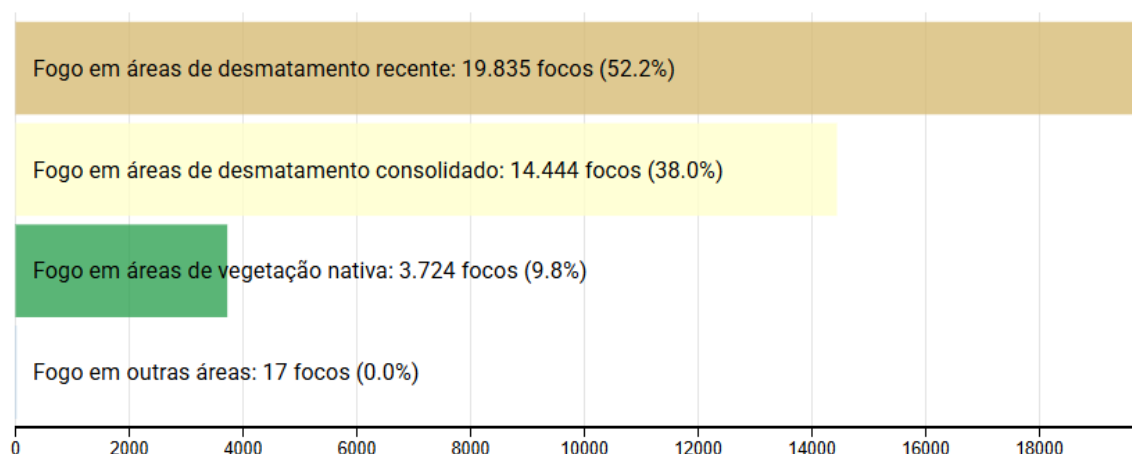


Figura 3. Relação entre desmatamento e incêndios no bioma Amazônia em 2019. INPE, 2019. Disponível em: <https://terrabrasilis.dpi.inpe.br/queimadas/aq1km/>

O gráfico acima apresenta por meio de porcentagem as relações entre presença de focos de fogo em áreas acometidas ou não pelo desmatamento na região norte do Brasil, evidenciando a presença de 19.835 focos de incêndios em áreas de desmatamento recente, e apenas 3.724 focos em locais caracterizados pela presença de mata nativa. O dado apresentado exemplifica visualmente a correlação entre o desmatamento e a presença de incêndios florestais. Já por meio de um gráfico de pizza, o instituto também aponta o estado de Pará como a região com maior quantidade de focos de queimada, sendo está a região onde se presenciou o *Dia do fogo*:

Número de focos por Estados

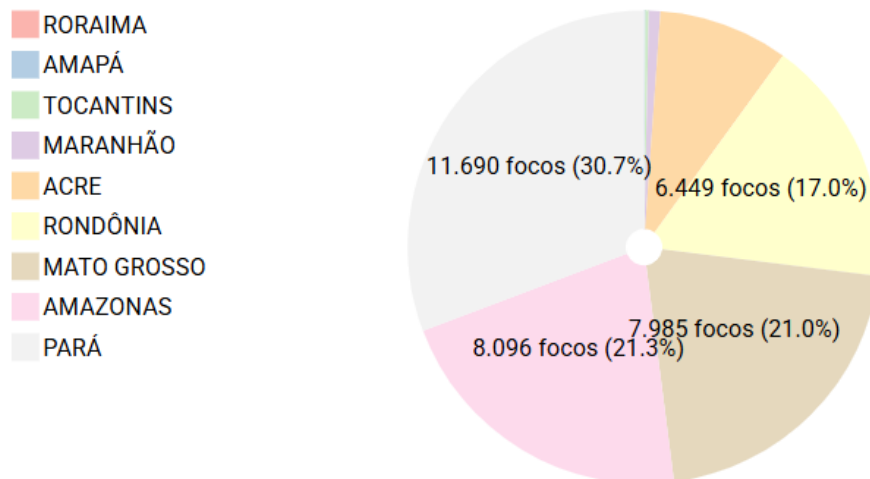


Figura 4. Relações de focos de incêndios por estados na região Norte do Brasil. INPE, 2019. Disponível em: <https://terrabrasilis.dpi.inpe.br/queimadas/aq1km/>

Para que o fogo ocorra, é necessária a existência conjunta de três fatores: material combustível (biomassa), material comburente (O_2) e fonte de ignição (Moritz et al., 2005). A incidência de queimadas acarreta consequências indesejáveis nas esferas social, ambiental e mesmo econômica. De acordo com Crutzen e Andreae, a utilização do fogo como forma de modificação do status da terra de zona de área florestal para zona de terra agrícola e de pastoreio com a finalidade de promover aumento das taxas de produção agrícolas e de rendimento para a pecuária de grande porte geraria uma permissividade (Crutzen; Andreae, 1990) tratando-se está de uma pratica com potencial desastroso através do potencial de descontrole.

A incidência de incêndios florestais acarreta impactos negativos ao meio ambiente e as comunidades próximas de suas ocorrências. “A influência antrópica e as mudanças climáticas

globais, associadas ao aumento da ocorrência de incêndios florestais, justificam a importância do estudo aprofundado desses fenômenos” (Campanharo; et al. 2021)

Os biomas apresentam em seu conjunto biológico características próprias que os tornam característicos. Tal premissa também pode ser analisada em conjunto com sua relação ao fogo, se o cerrado, atualmente o bioma que mais queima no Brasil, possui na constituição de sua flora características que a torna mais resistente a ação do fogo, levantando discursões acerca da necessidade de incêndios interanuais para a manutenção de sua diversidade, por sua vez regiões de floresta tropical comumente possuem um dossel alto e denso, o que criaria um “colchão de ar” que favoreceria a umidade do ambiente, não sustentando o fogo durante épocas do ano apesar de existência de materiais comburentes favoráveis para queimadas, sendo portanto em um parâmetro geral, adaptadas para evitar o fogo (Negreiros, 2024), a partir desta característica o dado demonstrado pelas figuras se torna inusitado, o segundo bioma que mais queima no Brasil se trata de um bioma adaptado para repelir o fogo.

2.3 Uma odisseia à história ambiental: do Antropoceno ao Piroceno

A história ambiental, como campo historiográfico consciente de si mesmo e crescentemente institucionalizado na academia de diferentes países, começou a estruturar-se no início da década de 1970. A primeira sociedade científica voltada para esse tipo de investigação, a American Society for Environmental History, foi criada em 1977 (Pádua, 2010). No Brasil, a hipótese mais aceita pela comunidade acadêmica remota a de sua vigência a partir da tradução do texto “Para fazer história ambiental” de Donald Worster. O texto em questão propõe a aproximação dos estudos históricos para com os conhecimentos geográficos e biológicos. Worster defenderia em seu trabalho que a história ambiental, a partir de sua tentativa de redefinir os limites para uma investigação do passado e dos seres humanos:

Resistiu a todas as tentativas de colocar cercas disciplinares rigorosas em torno do seu trabalho, o que a forçaria a fabricar todos os seus próprios métodos de análise, ou a exigir que essas disciplinas que tendem a se sobrepor se conservassem dentro das suas discretas esferas. Cada disciplina pode, é claro, ter a sua tradição, sua maneira particular de abordar questões. Mas se esta é uma era de interdependência global, certamente é também o momento para alguma cooperação interdisciplinar. Os pesquisadores precisam disso, a história ambiental precisa disso, e a terra também. (Worster, 1991, p.213)

Em a Apologia da História Marc Bloch defende que a história é a ciência do homem no tempo (Bloch, 2001), mas a partir da noção de interdisciplinaridade os campos de possibilidades para a atuação histórica se expandem, abrindo margem para os mais diversos debates e interligações, mesmo estas com as ciências biológicas e geológicas.

A cerca de *Antropoceno*, pode-se dizer que este se trata de “uma época geológica evidenciada por registros estratigráficos, ou seja, pela maneira como as camadas de solo se formam pela deposição de matéria” (Taddei; Marras, 2022, p.10), representando uma mudança que abarca *quantidades* e apontamentos para alterações em elevadas escalas de velocidade/tempo devido os processos de modernização realizados ao longo do globo. O termo possui raízes geológicas, sendo amplamente discutido acerca do momento preciso em que efetivamente a ação humana viria a gerar significativos impactos nas estruturas bases do planeta, sendo as mais repercutidas se voltando para a criação de bombas atômicas (ação que marcaria o início dessa nova Era geológica em teoria) ou a partir do domínio do fogo, sendo este um ente de modificações a partir da ação humana (*Piroceno*). As discursões sobre Antropoceno culminaram em debates sobre outras possibilidades de debates em ecocrítica a partir da utilização dos “cenos”, desse modo se formularia um conjunto de fatores inseridos na sua dinâmica, sendo este um termo que embora desgastado, passa a se tornar englobante, adquirindo sentidos de mudanças geradas a partir da ação humana no planeta, “o culminar de uma intrusão progressiva da questão natural e ambiental no problema social e político, ligando-se à história do colonialismo e do capitalismo” (Natalio, 2022, p.194). Enquanto período geológico, o termo foi recusado devido as dificuldades frente ao estabelecimento de um início efetivo para tal modificação, entretanto a comunidade acadêmica permanece a utiliza-lo enquanto um conceito, desse modo se Bloch classificaria a história como uma inserção temporal do ser humano, remetendo ao conceito de tempo, o *Antropoceno* poderia ser assim pensando como esse indivíduo causando modificações em um determinado espaço durante um determinado *tempo*, modificações estas sendo notórias e impactantes o suficiente para acarretar modificações nas próprias dinâmicas do planeta terra, a exemplo podendo se citar o aquecimento global. A partir de tal premissa a possibilidade de se elencar debates que circundem as esferas sócio-cronológicas passa a ganhar maior ênfase frente as discussões acerca das mudanças climáticas, como a exemplo o surgimento do sistema capitalista

A partir do Antropoceno, passa a ser discutido amplamente sobre outras possibilidades de “cenos”, expressões que exemplificassem tanto modificações geográficas e espaciais quando aparato teórico e social, como Capitaloceno a partir do vícios do capitalismo, Plantationoceno sobre a ótica de sistemas agrícolas de produção, Negroceno em uma visão a partir do indivíduo racializado enquanto sujeito negro, Ocidentaloceno partindo da atuação da comunidade ocidentalizada nas mudanças climáticas, e *Piroceno* referente a utilização desmedida do recurso do fogo por parte dos humanos com a potencialidade de gerar modificações e consequências

geológicas e históricas, sendo portando este termo adotado para a condução do debate que se pressupõe.

A expressão Piroceno encontra-se ligada ao trabalho do historiador norte americano Stephen Pyne, que teria a utilizado pela primeira vez no ano de 2015, onde o véis de mudança se dará através da ação humana que se utilizaria de um recurso natural para assim “cozinhar o planeta”, onde “De todos os paradoxos propostos pelo Piroceno, o mais estranho pode ser que nossas práticas de fogo possam ter involuntariamente impedido o retorno do gelo” (Pyne, 2021).

Mesmo sendo possível em alguns casos específicos, a origem natural do incêndio florestal não é plausível, razoável ou admissível na grande maioria dos casos em que ocorre hoje. A origem do incêndio é, via de regra, causada pelo ser humano, que, utilizando-se do fogo, o deixa, de forma acidental ou intencional, iniciar o processo de queima nas florestas naturais circunvizinhas. (Negreiros, 2024, p.49)

Desse modo a utilização do fogo abandonam os moldes “tradição” e adentraria o parâmetro da “traição” (Tomáz; Marques; Mendes, 2024), e o elemento responsável por modificações em escalas evolutivas para a humanidade, agora adquire potencialidade de devastação por utilização da mesma espécie (*Homo*) que aprendeu a maneja-lo a seu favor. Deuses foram criados e adorados pela domesticação do elemento, as civilizações Asteca, Inca, Tupi-guarani, Bantu e tantas outras carregam em suas tradições religiosas a representação divina que geriam o elemento, o fogo se tornou sagrado, e em algum momento da história passa a ser profanado contra a própria natureza.

O conceito *piroceno* abarca em sua lógica as noções de *tempo* e de *modernidade*, desse modo ao se pensar em ações humanas enquanto reagentes mecânicos, também vale-se inserir o indivíduo em uma lógica ao qual este se encontra adentrado em um cenário social garantido pela modernidade, e em uma inserção temporal (a depender de suas crenças), estando estas relações de dinamismo possuindo o potencial para guiar suas ações, pensamentos e percepções ao passo em que não estabelece uma homogeneidade. Uma relação com uma sociedade e com um meio. E nessa constante “o fogo perturbado, traído, afeta negativamente a sociobiodiversidade, a dinâmica dos ecossistemas, aumenta o processo de erosão do solo, deteriora a quantidade do ar e provoca danos irreparáveis.” (Tomáz; Marques; Mendes, 2024)

2.4 Ambientalismo de proveta?

A ascensão de Jair Bolsonaro a Presidência da república no ano de 2019 trouxe consigo uma serie de controvérsias acerca das possibilidades ligadas as políticas ambientais

brasileiras, a exemplo desta, a possibilidade de extinção do MMA¹² e sua eventual anexação em conjunto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Mapa, ganhando espaço em debates midiáticos¹³ e entre ambientalistas que passam a protestar contra a possibilidade para com relação a medida proposta. Em dezembro de 2018 Bolsonaro indica ao MMA o nome de Ricardo Salles, ex-secretário estadual do Meio Ambiente de São Paulo¹⁴. O então Ministro do Meio Ambiente encontraria em seu histórico enquanto secretário estadual do Meio Ambiente por São Paulo uma condenação por *Improbidade administrativa*, crime que caracterizaria por uma ocorrência antiética ou ilegal cometida por um agente em funções públicas, ação condenada pela lei sancionada em 2 de junho de 1992 – Lei de Improprida Administrativa (LIA), que em seu primeiro artigo apontaria que: Art. 1º Os atos de improbidade praticados por qualquer agente público, servidor ou não, contra a administração direta, indireta ou fundacional de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal, dos Municípios, de Território, de empresa incorporada ao patrimônio público ou de entidade para cuja criação ou custeio o erário haja concorrido ou concorra com mais de cinquenta por cento do patrimônio ou da receita anual, serão punidos na forma desta lei (Brasil. Lei nº 8.429, de 2 de junho de 1992)¹⁵. A condenação de Salles teria gerado na ocasião de sua indicação questionamentos acerca da moralidade do candidato ao MMA¹⁶ que foi absolvido das acusações suas acusações em 1º instância¹⁷ em março de 2021. O primeiro ano de mandato de Bolsonaro e Salles encontrou-se notoriamente marcado por polemicas e incertezas administrativas, no âmbito ambiental:

Uma das primeiras alterações estruturantes realizadas pelo governo de Jair Bolsonaro disse respeito à ressubordinação da ANA e CNRH ao Ministério do Desenvolvimento Regional, conforme já citado. Além disso, o Serviço Florestal Brasileiro, responsável pelo Cadastro Rural Ambiental (CAR), importante instrumento para a implementação do Código Florestal e o controle do desmatamento, foi transferido para o Mapa. (Gusmão; Pavão, 2020, p. 38)

O primeiro código florestal brasileiro encontra-se relacionado ao ano de 1934, na ocasião as questões relacionadas ao meio ambiente natural se encontravam sobre chancela do

¹² Sigla para “Ministério do Meio Ambiente”

¹³ Disponível em: <https://oeco.org.br/noticias/bolsonaro-confirma-promessa-ministerio-do-meio-ambiente-deixara-de-existir/>

¹⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/12/09/bolsonaro-indica-ex-secretario-de-aleckmin-para-comandar-meio-ambiente.ghtml>

¹⁵ A presente lei foi reavaliada e atualizada no ano de 2021 sofrendo alterações consideráveis em seu texto. A adoção de seu texto original se dá devido ao aparato de regência durante o ano de 2019.

¹⁶ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/futuro-ministro-do-meio-ambiente-e-condenado-por-improbidade-administrativa-9s7qaw5oo5y7pajnr9dof0jy/>

¹⁷ As instancias características de uma condenação possuem suas funcionalidades semelhantes a níveis, de modo que uma condenação em 1º instância implicaria inicialmente na condenação de um (a) rel de um determinado caso por um único juiz (a) inicialmente em um processo.

Ministério da Agricultura, tendo sido criado o MMA apenas no ano de 1992, no governo do ex-presidente Itamar Franco. Com isso não seria incomum a implementação de lógicas produtivistas direcionadas a natureza brasileira a partir da noção do eterno retorno, onde se denota a preocupação com manutenção e preservação dos recursos florestais brasileiros, mas falhando no que tange o reflorestamento (Moreto, 2026). A lógica produtivista também se faz presente no código florestal seguinte, datado aos anos de 1965, período de governo ditatorial no Brasil. Apesar da criação de um ministério direcionado especificamente para a preservação ambiental em 1992, a criação de um novo código florestal só foi realizada, com isso a gestão do MMA vigorou por catorze anos com uma de seus ensejos relacionado a uma visão produtivista alinhado ainda ao Ministério da Agricultura e Pecuária. Acerca do código de 1964 a historiadora ambiental Samira Moretto aponta que:

As primeiras prerrogativas são referentes às florestas existentes no território nacional e às demais formas de vegetação, que passavam a ser reconhecidas como de utilidade às terras que revestem; são bens de interesse comum a todos os habitantes do país, exercendo-se os direitos de propriedade, com as limitações que a legislação em geral e especialmente esta Lei estabelecem. (Moretto, 2016, p. 304)

Moretto também aponta que a partir da implantação do segundo código florestal iniciou-se um processo de reflorestamento e conservação em territórios pertencentes a união, entretanto, a partir da não estipulação dentro da legislação acerca dos mecanismos, processos e espécies destinadas para o reflorestamento, e nem a penalização para o não cumprimento da legislação se deu origem a um processo de remonte florestal que se tornou marcante a partir da implantação de espécies invasoras (lacuna preenchida apenas na década de 1980). Já o código florestal de 2012 prescreve as prerrogativas adotadas por seu antecessor, sendo o vigente na gestão de Ricardo Salles. A anterior tutela de tais questões direcionadas ao Mapa encontra um paralelo quase histórico com a política adotada por Salles em sua condução ao MMA, caracterizada por notória exaltação ao agronegócio brasileiro

Salles, anunciado por Bolsonaro enquanto gestor do MMA por meio da plataforma virtual Twitter no ano de 2018, na ocasião a pretensão por parte do presidente eleito seria a de realizar uma fusão do MMA ao Mapa, objetivo que não foi efetivamente concretizado nas bases legais. Dentre as medidas adotadas ao longo da gestão de Ricardo Salles, o redirecionamento do Serviço Florestal Brasileiro, responsável pelo Cadastro Rural Ambiental (CAR), importante instrumento para a implementação do Código Florestal e o controle do desmatamento, transferido para o Mapa (Gusmão e Pavão, 2020) representa um notório retrocesso para com as políticas ambientais. A presença de pautas ruralistas imbricadas em questões correspondentes

ao MMA assegurada pelo próprio ex-Ministro Ricardo Salles, um defensor assíduo de ruralistas e do agronegócio, sendo incentivador e favorecedor, realizando mesmo afirmações controversas no que diz respeito a “balança” agronegócio X preservação ambiental se caracterizou como uma das principais críticas enfrentadas pela sua gestão.

O primeiro ano de gestão de Salles como Ministro também foi o ano ao qual a expressão “emergência climática” teria sido eleita como palavra do ano pelo Dicionário Oxford¹⁸. O cenário de crise ecossistêmica também propiciou a propagação tanto de discursos negacionistas quanto rodeados por alarmismo. Philipe Fearnside, biólogo norte americano com trabalhos direcionados a estudos sobre a Floresta Amazônica, realiza apontamentos em seus trabalhos e apresentações acerca da presença de “inimigos” ambientais, sobretudo para com relação a Floresta Amazônica. O reflexo dessa lógica pode ser percebido no próprio plano de governo do ex-presidente Jair Bolsonaro e na regência de Ricardo Salles ao MMA, onde mais uma vez a lógica colonialista ganha voz em formato discurso e ação.



Figura 5. Ricardo Salles via Instagram sobre dados disponibilizados pelo DETER. Instagram, 2019. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/B0mWvBtA90t/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Acessado em: 13 de outubro de 2025

Para o filósofo e historiador francês Michel Foucault, o discurso pode interferir mesmo nos moldes do pensamento abstrato, uma dinâmica de uma quase imbricação entre o *saber* e o *poder*, onde o desejo pode ansiar pela libertação da ordem do discurso, mas encontraria barreiras na instituição, de modo que

¹⁸ Um guia de palavras em forma de dicionário organizado pela Universidade de Oxford, sendo considerado um requisitado e prestigiado dicionário da língua inglesa.

Mas talvez esta instituição e este desejo não sejam mais do que duas réplicas a uma mesma inquietação: inquietação face àquilo que o discurso é na sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação face a essa existência transitória destinada sem dúvida a apagar-se, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação por sentir nessa actividade, quotidiana e banal porém, poderes e perigos que sequer adivinhamos; inquietação por suspeitarmos das lutas, das vitórias, das feridas, das dominações, das servidões que atravessam tantas palavras em cujo uso há muito se reduziram as suas rugosidades (Foucault, 1970, p. 2)

O discurso forma o objeto ao qual se fala, ou neste caso, realiza um confronto entre o que se *pretende ser*, e o que de fato se *é*. Uma constituição argumentativa pode se dar por ditos e não ditos, por vezes o que se camufla em entrelinhas encontra-se mais marcado por potencialidades a análises do que o que de fato encontra-se dito ou escrito, as “entrelinhas” do cotidiano evidenciam não apenas opiniões pessoais como posicionamentos que encontram apoio através da atuação coletiva. Com isso, em se tratando de política contemporânea ao século XXI, as redes sociais possuem notório impacto, ganhando também espaço para análises. Por vezes debates acalorados estarão mais comumente presentes em *posters* via X ou Facebook do que necessariamente em encontros presenciais, de modo que notícias circulam por meio de veículos de notícias (que também passam a adotar as mídias sociais após diagnóstico da potencialidade do meio em propagação de notificações, sejam estas falsas ou verdadeiras) e seu debate pode ser avaliado por intermédio de fóruns digitais. As possibilidades das mídias digitais, maléficas ou benéficas, representam uma ruptura, onde:

Historicamente, a imprensa tradicional foi a principal mediadora entre os acontecimentos políticos e o público. Guiada por princípios editoriais e éticos, como a verificação dos fatos e o compromisso com a imparcialidade, a imprensa contribuía para a formação de uma opinião pública informada. Ainda que sujeita a críticas quanto à concentração de poder informacional, a imprensa tradicional era limitada por legislações específicas, como leis de responsabilidade civil e penal, e por códigos de conduta profissional. (Bastos; Moraes, 2025, seção *O papel das redes sociais e da imprensa tradicional na formação da vontade política*)

Neste ponto as mídias sociais são mobilizadas por Salles enquanto também uma forma de propaganda e autopromoção, contando com a realização de críticas e rebatendo notícias e polemicas relacionadas a sua imagem pessoal. Com isso Salles realiza apontamentos e faz pronunciamentos por intermédio das plataformas Facebook, Twitter e Instagram acerca de suas ações governamentais, conduções e críticas pessoais. Acerca de tal característica, se encontra o acalorado debate que permeia os debates acerca dos incêndios florestais e desmatamento na região correspondente a Amazonia Legal.

Em retorno, o código florestal de 2012 passa a enfrentar críticas com relação a seu texto, sendo modificado novamente no ano de 2021. Acerca da proibição do uso de fogo e do controle

dos incêndios três artigos se sobressaem no capítulo IX do documento, que apontam a utilização do uso do fogo em casos de:

Art. 38. É proibido o uso de fogo na vegetação, exceto nas seguintes situações:

I - Em locais ou regiões cujas peculiaridades justifiquem o emprego do fogo em práticas agropastoris ou florestais, mediante prévia aprovação do órgão estadual ambiental competente do Sisnama, para cada imóvel rural ou de forma regionalizada, que estabelecerá os critérios de monitoramento e controle;

II - Emprego da queima controlada em Unidades de Conservação, em conformidade com o respectivo plano de manejo e mediante prévia aprovação do órgão gestor da Unidade de Conservação, visando ao manejo conservacionista da vegetação nativa, cujas características ecológicas estejam associadas evolutivamente à ocorrência do fogo;

III - atividades de pesquisa científica vinculada a projeto de pesquisa devidamente aprovado pelos órgãos competentes e realizada por instituição de pesquisa reconhecida, mediante prévia aprovação do órgão ambiental competente do Sisnama.

§ 1º Na situação prevista no inciso I, o órgão estadual ambiental competente do Sisnama exigirá que os estudos demandados para o licenciamento da atividade rural contenham planejamento específico sobre o emprego do fogo e o controle dos incêndios.

§ 2º Excetuam-se da proibição constante no caput as práticas de prevenção e combate aos incêndios e as de agricultura de subsistência exercidas pelas populações tradicionais e indígenas.

§ 3º Na apuração da responsabilidade pelo uso irregular do fogo em terras públicas ou particulares, a autoridade competente para fiscalização e autuação deverá comprovar o nexo de causalidade entre a ação do proprietário ou qualquer preposto e o dano efetivamente causado.

§ 4º É necessário o estabelecimento de nexo causal na verificação das responsabilidades por infração pelo uso irregular do fogo em terras públicas ou particulares.

Art. 39. Os órgãos ambientais do Sisnama, bem como todo e qualquer órgão público ou privado responsável pela gestão de áreas com vegetação nativa ou plantios florestais, deverão elaborar, atualizar e implantar planos de contingência para o combate aos incêndios florestais.¹⁹

Art. 40. O Governo Federal deverá estabelecer uma Política Nacional de Manejo e Controle de Queimadas, Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais, que promova a articulação institucional com vistas na substituição do uso do fogo no meio rural, no controle de queimadas, na prevenção e no combate aos incêndios florestais e no manejo do fogo em áreas naturais protegidas.²⁰

§ 1º A Política mencionada neste artigo deverá prever instrumentos para a análise dos impactos das queimadas sobre mudanças climáticas e mudanças no uso da terra,

¹⁹ O texto foi revisto pela Lei nº 14.944 de 2024. Entretanto foi incluído ao artigo a presença de dois incisos pela Lei nº 14.406 de 2022.

²⁰ Um terceiro inciso foi incluído ao artigo por intermédio da Lei nº 14.406 de 2022

conservação dos ecossistemas, saúde pública e fauna, para subsidiar planos estratégicos de prevenção de incêndios florestais.

§ 2º A Política mencionada neste artigo deverá observar cenários de mudanças climáticas e potenciais aumentos de risco de ocorrência de incêndios florestais.

(Brasil, Lei nº 12.651/2012, de 25 de maio de 2012)

O capítulo do código evidencia impedimentos legais para a utilização do fogo como mecanismo de manejo agropecuário ou de beneficiamentos de solo. Com isso a utilização de fogo de forma controlada se daria em teoria somente a partir de uma série de regulações legais previstas pelo código florestal. O artigo 38 retratando sobre a sua utilização em zonas de vegetação nativas ou não, o artigo 39 ressaltando a implantação de políticas de Manejo integrado do fogo através de órgãos oficiais responsáveis pela implantação e atualização de tais políticas, já o artigo 40 outorga as responsabilidades da federação brasileira acerca de políticas de preservação e combate a incêndios florestais.

A partir da ocorrência dos incêndios florestais, alterações foram executadas enquanto as possibilidades de utilização do fogo a partir de decretos publicados em agosto de 2019 em forma de resposta ao denominado “O dia do fogo” na região amazônica e a propagação de incêndios em outras regiões do território nacional. Acerca das novas implementações:

Os decretos trataram das hipóteses em que deveriam ser suspensas as permissões para o emprego de fogo. É sintomático, nesse caso, o fato de que eles tenham excluído da suspensão as práticas agrícolas fora da Amazônia Legal. Além disso, diversas críticas trataram das respostas dadas pelo governo ao episódio, pois não houve nenhuma ação coordenada e sistêmica para responder à questão. (Gusmão; Pavão, 2020, p.47)

As buscas por contornar e controlar as ocorrências relacionadas sobretudo ao “Dia do fogo” representam também uma falha nas políticas de controle de crise ambiental acerca de incêndios florestais no Brasil, bem como também a falha na condução de investigações acerca de crimes ambientais. Tais ocorrências refletem a importância de debater acerca da utilização do fogo, mesmo de “preventivamente”, uma vez que a principal distinção entre uma queimada e um incêndio florestal encontra-se conectada a sua intensidade, proporção e também controle das chamas. O arquivamento o inquérito do “Dia do fogo” pode assim ser pensando em conjunto ao *piroceno* articulado enquanto mecanismo de controle a favor de uma finalidade (neste caso a de desapropriação de terras da nação) e a Era *do piroceno* se efetiva enquanto potencialidade constante.

Ficou evidente a existência de um *momento de ruptura* na trajetória dessas políticas e, conseqüentemente, de uma certa crise de desempenho do *sistema*

brasileiro de gestão ambiental. Arbitramos que essa *ruptura* ganhou corpo no início da década de 2010, a partir de quando começa uma *transição* entre dois *modelos*. O primeiro construído ao longo do período 1970/2010 e o segundo que resulta de sua desconstrução, tendo como uma das referências iniciais a promulgação da Lei nº 12.651/2012 (novo Código Florestal). (Gusmão; Pavão, 2020, p.52)

A gestão ambiental trata-se de uma pauta a ser debatida, bem como as políticas de manejo de controle de crises ambientais. As constituição de novas políticas ou desarticulação de políticas já efetivadas ganha encargo de crítica necessárias não apenas no âmbito acadêmico, mas também nas esferas sociais da sociedade, uma situação de emergência climática impacta em última instância a todos os indivíduos humanos e não humanos, mas vale-se ressaltar que tal impacto se dá de forma desigual a depender de onde for analisado, por tal razão debates acerca do *racismo ambiental* ²¹devem ganhar notoriedade não apenas dentro dos “muros” de textos acadêmicos.

²¹ Discriminação dada a partir dos impactos negativos de alterações ambientais afetando mais intensamente determinados grupos étnicos, sociais ou raciais em detrimento de outros grupos.

3 HISTÓRIA EM CINZAS: INFORMAÇÕES EM JOGO

O povo foge da ignorância apesar de viver tão perto dela, e sonham com melhores tempos idos, contemplam essa vida numa cela.

(Zé Ramalho, 2003)

Ao se permitir encarar o ano de 2019 enquanto uma possibilidade de baliza temporal acerca os debates ambientalistas, possivelmente será possível a observação de uma sucessão de ocorrências que legitimariam tal colocação. O ano em questão caracterizou-se como o anterior a uma Pandemia Global²², o último ano de normalidade antes de uma crise sanitária, política e de saúde mundial. Mas o possivelmente contribuiria para a colocação anteriormente feita talvez seja a sucessão de desastres ambientais presentes neste ano, apesar do recorte do presente texto se encontrar direcionado para debates acerca de incêndios florestais, 2019 também trouxe consigo um notório derramamento de petróleo nas praias da região nordeste do país²³, o rompimento da barragem de Brumadinho²⁴ trazendo consigo inúmeras percas sociais, humanitárias e ambientais, assim como também protestos protagonizados por artistas e ONGs, de modo de nomes como o da jovem ativista ambiental sueca Greta Thuberg e celebridades como o ator estadunidense Leonardo DiCaprio e a modelo brasileira Gisele Bündchen encontraram nas mídias sociais locais para pronunciamentos e opiniões acerca da questão amazônica²⁵, assim como também a ONG Greenpeace, conhecida pelo ativismo ambiental e protestos, com atuações, apoiadores e colaboradores em cerca de 57 países distintos²⁶.

Acerca de questões ambientais, 2019 também representa um aumento nos debates públicos acerca dos incêndios florestais e desmatamento na Amazonia Legal, sejam estas por notícias verídicas ou pelas falácias propiciadas pela desinformação.

3.1 Ricardo Salles no programa Roda Viva

²² Pandemia do COVID-19, tendo sido oficialmente declarada pela Organização Mundial da Saúde em março de 2020 enquanto uma pandemia. A doença causada pelo coronavírus SARSCoV-2 apresenta sintomas semelhantes a sintomas gripais, possuindo aspectos ligados a transmissão pelo ar e alta contagiosidade. Disponível em: <https://www.ufsm.br/projetos/institucional/observatorio-crise/2025/03/21/pandemia-de-covid-19-5-anos-da-maior-crise-do-seculo-xxi>

²³ Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/desastre-ambiental-petroleo-praias/noticia/2019/11/13/manchas-de-oleo-no-litoral-atingem-mais-de-500-locais-no-nordeste-e-sudeste.ghtml>

²⁴ Nota emitida pela prefeitura de Brumadinho disponível em: <https://novo.brumadinho.mg.gov.br/portal/pagina/rompimento-da-barragem> Acessado em: 3 de setembro de 2025

²⁵ Expressão utilizada comumente para se referir ao estado de crise ambiental enfrentada pelo bioma Amazonia.

²⁶ Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/greenpeace-no-mundo/>

Sendo original da emissora TV Cultura, o programa Roda Viva, que se encontra no ar desde o ano de 1986 se caracteriza pelo posicionamento do convidado a ser entrevistado no centro de uma roda composta por bancadas composta por indivíduos que se relacionem com a temática a qual o episódio pretenda debater. No ano de 2019 Ricardo Salles realizou duas participações no programa “Roda Viva”, sendo a primeira referente a edição de 11 de fevereiro de 2019 e a segunda participação data de 26 de agosto de 2019. No presente ponto da exposição será argumentado acerca da participação de Salles em sua segunda visita ao programa.

Na referida edição do Roda Viva, este se encontrava ancorado pela jornalista Daniela Lima, que ao começar a sua apresentação do convidado a integrar o cento da roda da edição se vale da frase: “os olhos de alguns dos líderes mais importantes do mundo estão voltados para ele”. A edição em questão visaria abordar acerca de pautas como preservação ambiental, incêndios florestais e atuação de ONGs e o famigerado Fundo Amazonia²⁷. A edição trouxe para o debate com Salles, a repórter de meio ambiente da Folha de São Paulo Ana Caroline do Amaral, Daniela Chiarette, repórter especial do Valor Econômico, a repórter de Ambiente do jornal Estado de São Paulo Giovana Girarde, o diretor de redação da revista Globo Rural e CBN Bruno Blecher e o correspondente pela BBC Brasil em assuntos econômicos Daniel Gallas.

Para a presente argumentação se vale ressaltar aspectos conjunturais acerca da participação de Ricardo Salles a esta edição do programa Roda Viva. Comumente o programa pode ser assistido na modalidade *ao vivo* semanalmente as segundas feiras, tal edição foi ao ar em 26 de agosto de 2019, o pronunciamento de Bolsonaro em rede nacional teria ido ao ar na sexta feira de 23 de agosto de 2019, de modo que os debates acerca dos incêndios florestais na região amazônica se encontravam fervorosos na ocasião, de modo que a fala do ministro do MMA estaria sendo aguardada acerca da crise ambiental enfrentada.

Em sua participação o ministro teria apontado em retorica a não negativa para com os dados acerca o desmatamento, mas a possível imputação dos percentuais para comparação dos dados no mesmo mês no ano anterior não se trataria de um bom método, independente de aspectos como retóricas ou oratórias adotadas por Bolsonaro em suas últimas coletivas de imprensa. A fala do ministro é rebatida por Girardi que apresentaria em seu posicionamento o aspecto de comparativos anuais disponibilizados pela plataforma do INPE, com dados que

²⁷ Mecanismo de arrecadação de fundos a partir de doações para a realização de ações ligadas a conservação ambiental na região da Amazonia Legal.

apontariam para uma alta de 15%. Ao longo do programa Salles defenderia que o desmatamento se trataria de uma variável marcada também por questões estruturais como a ausência de desenvolvimento econômico e a fiscalização, separando estes das queimadas e apontando que estas em comparativo seriam maiores em períodos mais secos, usando para firmar seu posicionamento comparativos de dados com os do ano de 2016, que seria um recorte temporal marcado por períodos de secas, com mudanças significativas já nos anos de 2017 e 2018, que por sua vez seriam anos de maior umidade.

Dentre as pautas elencadas no programa encontra-se as falas do presidente Jair Bolsonaro acerca dos dados fornecidos pelo INPE no que tange as queimadas.

Transcrição livre, minutagem 33:03 a 41:27 do programa Roda Viva, edição de 26 de agosto de 2019:

Daniel Gallas: Ministro, muito obrigado por conversar conosco. Queria perguntar um pouco sobre as declarações do presidente da república a recentes a respeito das queimadas do INPE ele falou da questão do INPE “mandei ver quem está à frente do INPE até parece que está a serviço de alguma ong o que é muito comum”, palavras dele. Na semana passada ele falou quando se perguntou sobre o motivo das queimadas né?, pode ser fazendeiro, pode, mas todo mundo é suspeito, mas a maior suspeita vem de ongs e ele disse que tem sempre tem um indício fortíssimo de participação das ongs nas queimadas que são facilmente qualquer o papel das ongs nas queimadas só concorda com essas declarações o presidente.

Ricardo Salles: A, o um presente, acho que ontem, assinou ontem onde um despacho determinando à polícia federal que investigue aquela história do dia do fogo, aquela corrente de ouro zapp que teria circulado com o estímulo combinação para colocar fogo no mesmo dia, que é uma barbaridade, um crime, sobretudo neste momento seco em que o fogo prolifera facilmente e etc. Então presidente determinou que se investir, sem assumir de antemão que pode ser o caminho A, B ou C... aliás a matéria que foi assim... o estopim ou o motivo principal para que a gente pudesse dar andamento a isso foi a matéria que não chegou (aponta para tela), é colocada pela própria... é o globo rural em que descreve uma série de fatos inclusive nomes etc. O que o que a gente o que a gente precisa entender chegam informações sugestões o ensino ações enfim de todos os lados

Daniela Lima: Eu só queria fazer uma ponderação por favor. Que dia foi o dia do fogo?

Presentes: 10 de agosto

Daniela Lima: Tudo bem, é porque foi anteontem né? E a gente tem a notícia de que as queimadas começaram em serie por meio dessa concertação desde o dia 10

Alguém: O Ibama recebeu isso três dias antes

Ricardo Salles: Só uma diferenciação. Uma coisa é as queimadas terem se iniciado, outra coisa é a colocação da hipótese de isso ter sido uma atividade concertada...

Daniela Lima: Me parece que desde o início ministro, quando o jornal Novo Progresso, é esse o nome do veículo regional que noticiou? Me parece que desde o início eles retrataram o “dia do fogo” como uma combinação né? De agricultores e produtores locais para mostrar que estavam dispostos a trabalhar pela... atendendo a um chamado do presidente. Foi assim que o jornal registrou e desde então tem sido registrado dessa forma

Bruno Blecher: E tem um ofício do ministério público federal ao Ibama, três dias antes do dia do fogo alertando para o dia do fogo

Ricardo Salles: E tem uma medida do próprio Ibama a polícia... a polícia estadual e também ao... ao... a força nacional informando que havia essa possibilidade para que tomasse alguma medida preventiva. O fato é que, essa em sendo verdade... vamos admitir que seja verdade que houve essa concen... concertação, essa atitude criminosa, isso é um caso de polícia.

Giovana Girardi: Mas o Ibama pediu a presença da força nacional, e a força nacional... e na nota que eles encaminham de resposta o Ministério Público eles falam “não tivemos resposta”

Ricardo Salles: Pois é...

Giovanna Girardi: O Ibama pediu a força nacional e a força nacional não foi. Então quer dizer o governo também não tem articulado né?

Ricardo Salles: Não por isso. Mas é o que eu quero com esta resposta que eu dei é o seguinte, o Ibama, o diretor fiscalização, enfim, a equipe nossa tem tomado as medidas que estão ao alcance e que são possíveis de serem implementadas. Várias como eu disse no começo do programa, várias tentativas nossas de atuar nos estados sempre aliás historicamente eram em parceria com as polícias forças estaduais e na medida em que os estados, por várias razões inclusive a questão orçamentária e governos novos que assumiram... enfim tem *enes* possibilidades e hipóteses a serem consideradas, mas o fato é que havendo o alinhamento com os estados dá pra fazer melhor o trabalho, não havendo alinhamento com os estados isso fica mais prejudicado, como o caso relatado pelo...

Bruno Blecher: Mas o governo sabia do dia do fogo? Por exemplo, falar alertado três dias antes. O Ibama foi alertado três dias antes

Ricardo Salles: Mas o alertado eu... eu tô lendo a notícia como ela vem, o alertado é uma informação que foi reportada ao órgão federal o órgão federal tomou as atitudes. Agora uma coisa é você tomar atitude de comunicar às autoridades policiais, agora como é que você faz numa situação em que é um relato de um possível fato? Se foi três dias antes era um possível fato, como é que faz para controlar isso em caráter preventivo? Fazendo o que o Ibama fez, comunicando às autoridades para que ficassem atentos e o próprio Ibama por outro lado ficando atento também

Bruno Blecher: Ou mandando a polícia federal pra lá né?

Ricardo Salles: Não mas foi feita essa comunicação

Ana Carolina Amaral: Mas o próprio Ibama, o Ibama tem poder de polícia então porque o GEF²⁸ não foi acionado? Porque a diretoria de proteção ambiental não ativou a tropa de elite do Ibama?

Alguém: Poque o pessoal do Ibama saiu de lá

Daniela Lima: Vamos deixar o ministro responder por favor

Ricardo Salles: Desculpe, quantas pessoas tem no GEF no Brasil inteiro?

Ana Caroline Amaral: Hum, me responda

Giovana Girardi: Treze

Ricardo Salles: Treze pessoas, correta a Giovanna. Treze pessoas dos quais uma no Mato Grosso, os demais estados do sul e sudeste e centro. Então quando alguém fala do GEF, eu vi essa notícia circulando ao alguém deu uma declaração dizendo “O GEF nunca foi...” parece que o GEF é um grande corpo de elite, que são cinquenta homens

²⁸ Gestão Especial de Fiscalização do Ibama. Unidade responsável pelo combate contra crimes ambientais atuando em operações especiais de fiscalização.

tipo força nacional que chega em algum lugar e faz o trabalho de duas horas, não é assim. Inclusive esses funcionários que compõem o GEF trabalham na força ordinária de fiscalização do Ibama, então eles estão trabalhando, podem não ter sido utilizados nesse episódio ou em outros episódios enquanto GEF mas continuam trabalhando enquanto fiscais. Então assim, esta é uma realidade e de novo é ...

Ana Caroline Amaral: Mas você tem alguma medida pra fortalecer essas medidas do Ibama, do GEF... porque essa denúncia de que o senhor recebeu e ministério fragilizado, precarizado, com equipamento e agencias precarizadas... o senhor já falou isso em janeiro, o que o senhor fez de lá pra cá?

Ricardo Salles: De lá pra cá a situação econômica só se deteriorou, como é que nós vamos reforçar...?

Ana Carolina Amaral: Mas o senhor tem previsão de contratar satélite por cinco milhões por ano

Daniela Lima: Ana por favor...

Ana Caroline Amaral: Tá, me desculpa

Daniela Lima: Vamos lá, vamos seguir em frente. Eu vou passar aqui pra Giovanna que ela também quer falar do GEF

Giovana Girardi: O GEF do grupo especializado de fiscalização do Ibama. Ministro que eu apurei hoje, a gente até publicou uma matéria do Estadão é que o chefe nunca foi acionado esse ano. Ele de fato não é um grupo tão grande como o senhor tá mencionando, são só 13 pessoas, mas é a tropa de elite do Ibama, são as pessoas mais bem treinadas, mais especializadas, que atuam com inteligência e com operações de campo que eles chegam de modo muito preciso e cirúrgico e desmantelam uma operação ilegal, então eles e o que eu apurei também é que só esse ano, só pra esse primeiro semestre desse ano estavam previstas cinco operações do GEF e nem uma foi implementada, eles não foram acionados, eles não foram solicita... chegou a ser solicitado a ajuda deles e a diretoria responsável pela área no Ibama não autorizou. Então sim é um grupo que são chamados de os “Rambos do Ibama” e eles não foram a campo quando estamos com alto nível de desmatamento e alta nas queimadas. Por que não?

Ricardo Salles: Eu não trato diretamente de operações de fiscalização, o que eu posso te dizer é, sem erro, é que não havia nem uma determinação nossa como de fato não há, de se não fazer qualquer operação de fiscalização ou atenuar o rigor da lei, não há nem uma determinação nesse sentido, nós não mudamos nenhum regramento, nenhuma norma nem nada. Então o que eu posso te dizer é que da nossa parte não há nenhuma medida que possa ser imputada nesse sentido. De qualquer forma, neste exato momento toda a força, aliás não é de agora, toda a força que nós temos de fiscalização do Ibama, na forma, na estratégia determinada pela diretoria de fiscalização que é por outro lado ocupada por um excelente policial militar ambiental que veio de São Paulo a Brasília pro Ibama, atua, uma pessoa que sabe fazer fiscalização enfim, toda essa estratégia está avançando, ou vem avançando desde o começo do ano, no sentido de coibir as atividades ilegais. Então eu tô ouvindo o seu relato, vou amanhã na primeira hora verificar estas informações que você me trouxe, mas de todo modo, independentemente das informações propriamente ditas, na nossa parte não há nenhuma absolutamente nenhuma orientação pra flexibilizar o cumprimento da Lei da fiscalização e etc, não há realmente nada.²⁹

Em análise pode-se perceber que o debate passa a ficar mais “acalorado” quando o GEF passa a ser mencionado. O trecho em questão se encontra marcado por momentos de “corte argumentativo” com inúmeras pautas sendo elencadas durante o debate e momentos de

²⁹ Entrevista completa disponível em: <https://www.youtube.com/live/QIV3fOz2zto?si=Rq63skn9Subutdf5>

interrupções dentro das falas, de modo que Daniela Lima passa a realizar breves momentos de intervenção.

Vale-se ressaltar a presença de abertura para um pedido de impeachment³⁰ contra Salles em 22 de agosto de 2019, com Edson Fachin, ministro do Supremo Tribunal Federal, como relator do pedido que teria sido solicitado a partir do possível diagnóstico de contrariedade de Salles para com a política nacional do meio ambiente, com crime de responsabilidade. O pedido passa a ser arquivado por Fachin em 22 de outubro de 2019, onde apontaria que caberia ao Ministério Público protocolar a denúncia por crime de responsabilidade por parte de Salles. Na edição do programa Roda Viva, o pedido de exoneração do então ministro do meio ambiente ainda se encontraria em vigor com a expectativa pela exposição de quem poderia ser o possível relator (informação que só foi confirmada no dia 28 de agosto), o caso não se encontra mencionado na edição do programa, aspecto que contribuir para o entendimento acerca da euforia por trás de debater sobre os incêndios florestais, o assunto se encontrava sobre o olhar atento da mídia, do público e da comunidade internacional. Muitos olhos se encontravam virados para Ricardo Salles.

3.2 Entre as *fakes news* e os fatos.

Uma singularidade notória dentre as ocorrências, se destaca a propagação de notícias falsas e ações de desinformação nas mídias sociais. Ora, se por vezes as redes sociais possuem favorável aspecto para a propagação de informações e realização de debates, bem como também confraternização entre indivíduos, por vezes este meio também encontra terreno fértil para a propagação de falácias científicas ou pseudocientíficas, notícias falsas, *desinformação*. O terreno fértil da internet acarreta também em responsabilidades sociais por parte de seus usuários acerca do conteúdo que consomem e compartilham, mesmo valendo-se ressaltar no presente debate o papel do algoritmo digital ³¹, onde “a mídia direcionada, o sistema de sugestões e os filtros de conteúdo observados no uso da internet e de aplicativos são exemplos cotidianos em que os algoritmos atuam na tentativa de influenciar as escolhas individuais” (Meireles, 2021).

³⁰ Um processo legal e burocrático que visa desistir um determinado funcionário público de alto cargo de seu encargo de funções enquanto servidor público.

³¹ Códigos computacionais formulados para resolução de problemas específicos ou para a entrega de conteúdos digitais para os consumidores. Além dos conteúdos os algoritmos digitais também influenciam nas propagandas que o usuário será submetido e as sugestões de conteúdo específicos por meio da coleta de *cookies digitais* responsáveis pela captação de dados.



Figura 6. Influencer pinta girafa em ilustração sobre incêndios na Amazônia. Foto por reprodução, 2025.

A imagem correspondente a *Figura 6* retrata a influenciadora digital Hosana de Lima³² em uma imagem de protesto contra as queimadas na Amazonia, com retratação de vegetação, animais e fumaça, em conjunto com a frase “Luto Amazônia”. Em sua arte corporal a maquiadora retrata a ilustração de uma girafa, animal característico da fauna africana, a ação encontrou repercussão nas mídias sociais e Hosana de Lima se torna um meme da internet³³. A imagem carregada por uma abordagem dramática, com posicionamento de câmera de cima a baixo passa a se tornar um exemplo de equívoco, mesmo que potencialmente abastecido por boas intenções.

Os equívocos relacionados a questão amazônica não se tratam de ações corriqueiras, de modo que os fatos e as fakes passam a se misturar nas mídias sociais, enfrentando poucos filtros por muitos consumidores de tais conteúdo. Por esta razão se faz necessário a ação de desmentir rapidamente uma notícia falsa dissipada na internet, uma vez que ao se encontrar em tal meio, a sua propagação encontra poucas barreiras. Acerca disso a professora Carla Montuori aponta que:

³² Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/sociedade/youtuber-que-virou-meme-tenta-superar-trauma-causado-por-girafa-da-amazonia-23910306>

³³ Imagem, vídeo ou frase que repercute na internet, comumente caracterizada pelo teor cômico, seja este inato ou relacionado a sua formulação.

O rumor sempre esteve presente em muitos acontecimentos ao longo da humanidade, sendo que o termo está vinculado direta ou indiretamente a dados críveis ou factíveis de serem acreditados, que possuem um contexto de verossimilhança e que surgem inicialmente pela ausência de informação e/ou por ansiedade. (Montuori, 2021)³⁴

Para a presente argumentação de notícias falsas, vale-se ressaltar a imagem correspondente a *Figura 7*, fotografia que encontrou o seu espaço nas mídias sociais, ora por comoção, ora por desinformação por meio de um manejo discursivo que também pode ser considerado político e social.

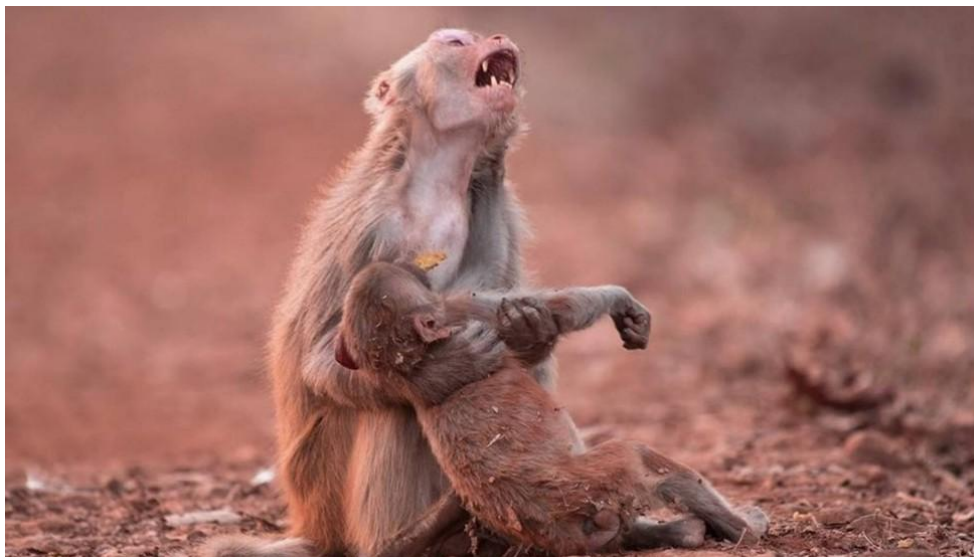


Figura 7. Fotografia por Avinash Lodhin, Índia, 2017.

A imagem em questão retrata uma cena impactante para quem a observa, tendo sido também relacionada a um momento ao qual não correspondia, sendo articulada como uma fake news e em seguida servindo como propaganda para o documentário *Cortina de Ferro* do streaming³⁵ Brasil Paralelo.

A imagem retrata uma mãe macaco segurando o seu filhote caído enquanto esboça feições de sofrimento perante uma possível perda. A gravura teve sua circulação reativada em mídias sociais como o Facebook e o Twitter no ano de 2019, sendo relacionada sobretudo às queimadas que ocorriam na Amazônia na ocasião. A ilustração, no entanto, teria sido realizada no ano de 2017 pelo fotógrafo Avinash Lodhin na cidade indiana de Jabalpur. O fotógrafo em

³⁴ Entrevista concedida pela professora ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IF Sudeste MG). Disponível em: <https://www.ifsudestemg.edu.br/noticias/juizdefora/2021/12/pesquisadora-alerta-sobre-os-riscos-das-fake-news-e-apresenta-formas-para-evitar-desinformacao>

³⁵ Espaço digital que permite a transmissão de conteúdos multimidiáticos, tais como vídeos, músicas ou jogos

matéria concedida ao grupo The Telegraph³⁶ teria afirmado que durante a realização de alguns de seus trabalhos na localidade teria percebido a agitação de um grupo de macacos, decidindo assim ir observar o que estaria acontecendo apesar da pouca iluminação no momento (já estaria no fim da tarde), em um clique teria assim capturado a rápida cena. O filhote haveria na verdade caído e ficado “desacordado” apenas por alguns instantes aos quais sua mão o teria segurado, logo em seguida despertando após o acontecimento.

Avinash Lodhi teria publicado o registro em sua conta na plataforma Facebook, alcançando uma notória repercussão ainda no ano de 2017. Entretanto a imagem teria voltado a circular novamente no ano de 2019, sendo compartilhada e comentada nas mídias sociais como uma “consequência” das queimadas. Uma fake news de alcance significativo na ocasião, e também de forte repercussão, estando em seguida sendo articulada como discurso por diversos eixos, a exemplo deste, pelo grupo Brasil Paralelo, em matérias em seu site oficial e em sua conta no Facebook no ano de 2021, onde mencionam sobre a veracidade da imagem e a articulam como propaganda para o seu documentário Cortina de Fumaça que seria lançado no ano de 2021.

O fotógrafo também teria afirmado que o clique teria sido “desprevenido” tendo sido efetuado após o diagnóstico de uma movimentação diferente por parte dos animais, entretanto vale-se ressaltar o plano de fundo estando desfocado (após uma possível edição posterior ou uma configuração de câmera previa) e a centralização dos animais na imagem. Pela qualidade da imagem e seu arranjo possivelmente esta não foi recortada, entretanto não seria improvável a retirada de outros animais desta com base no relato de seu autor. As feições dos animais revelam uma expressão de sofrimento o que torna ainda mais fácil a identificação e compadecimento por parte de seres humanos, o que pode explicar a sua repercussão no ano de 2019 e a sua associação aos incêndios.

Vale-se ressaltar que na ocasião várias imagens reais de animais atingidos pelas queimadas circulavam nas mídias sociais, o que tornaria esta imagem mais uma representação, entretanto esta imagem em específico alcançando grande circulação, calçando tanto impacto nas mídias sociais e sendo articulada fora de sua temporalidade pode ser indagada com relação as suas possibilidades. Para a sua retirada em um contexto de queimadas o fotógrafo deveria manter distância dos animais para não os espantar após um evento tão devastador, se utilizando do recurso zoom, e estar presente no exato momento em que a mão percebesse o falecimento

³⁶ Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/2017/05/10/mother-monkey-appears-cry-son-collapses/>

de seu filhote em virtude dos acontecimentos, desse modo, o fotografo deveria sondar a região imediatamente após os acontecimentos, mas manter uma distância significativa tanto por sua própria segurança quanto para a realização de seus registros serem possibilitadas. No contexto em que a imagem foi efetivamente fotografada, ao autor também seria necessário se utilizar do recurso zoom para a realização do registro, entretanto a distância mantida para com os animais poderia ser ligeiramente menor uma vez que estes não estariam tão “acuados”.

A partir do momento em que a imagem é ressignificada e associada a um fenômeno ao qual não corresponde se denota o levantamento do discurso “se os animais tivessem religião, o homem seria o diabo” tendo esta como um “fundamento”, e posteriormente a sua articulação como propaganda empresarial devido a sua não veracidade para com o discurso que lhe foi associado, uma propaganda de uma produção audiovisual que visaria “desmistificar” a gravidade dos acontecimentos de 2019, se tornando agora um tipo de combustível para o negacionismo ambiental³⁷, quando antes poderia ter potencial para discursos com teor ecofacistas³⁸.

Com relação a utilização de imagem em conjunto ao fazer ao a análise em história:

Não se pode deixar de reconhecer o potencial de comunicação universal das imagens, mesmo que a criação e a produção delas possam ser caracterizadas como atividade especializada. A imagem é capaz de atingir todas as camadas sociais ao ultrapassar as diversas fronteiras sociais pelo alcance do sentido humano da visão. (KNAUSS, 2006, p. 99)

Desse modo a mesma imagem surge em 2017 como uma ilustração comovente, entretanto retratando uma cena a ilustrar uma irrealidade de ocorrência (a ocorrência não se tratando do que a imagem em primeira análise demonstra), em 2019 como uma fake news relacionada aos incêndios florestais na região amazônica, e em 2021 com potencialidade de propaganda para uma produção audiovisual.

3.3 O *Eco* pós ocorrências: Redes sociais em uso.

Em um breve panorama temporal acerca da utilização de mídias sociais por Ricardo Salles enquanto mecanismo em potencial para promoção de sua gestão, se denota a alta atividade do ex-ministro em suas redes sociais, estando na ocasião de 2019 enfrentando críticas

³⁷ Rejeição ou negação de evidências científicas acerca de debates característicos a esfera ambiental, tais como mudanças climáticas e atuação humana no meio ambiente.

³⁸ Definição associada a interligação entre ecologismo e pensamentos fascistas utilizadas através de ações marcadas por atuações ou afirmações extremas e com potencial de periculosidade social. Também conhecido como racismo verde.

a sua gestão, Salles também utilizou suas redes sociais como meio extraoficial para rebater as críticas enfrentadas.

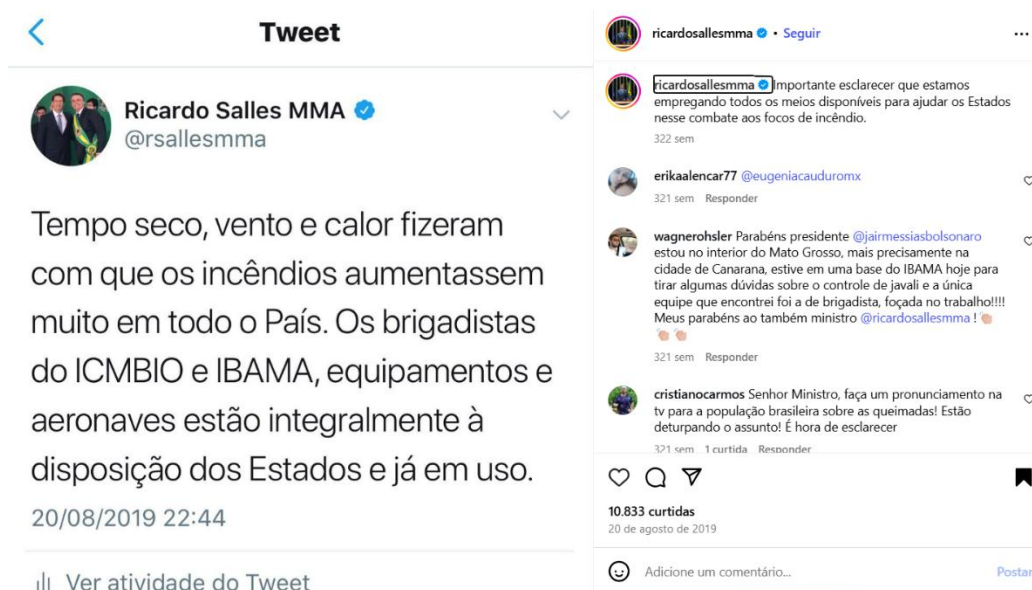


Figura 8. Ricardo Salles sobre aumento em focos de incêndios florestais via Instagram. Instagram, 2019.

Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B1aIGJvAS-](https://www.instagram.com/p/B1aIGJvAS-7/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==)

7/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA== Acessado em: 7 de agosto de 2025.

Em análise as mídias sociais de Salles se denota além de sua alta rotatividade de conteúdos evidenciado pelos dias de suas postagens (se enquadrando como quase diárias em determinados momentos de 2020 e 2021). Durante a sua regência ao MMA as suas postagens adquiriram aspectos ligados a promoção de sua gestão, combate a crise com relação a opinião pública, e sobre incêndios florestais, possuem um aspecto informativo. Sua atividade na plataforma Instagram encontra um momento de pausa no ano de 2021 entre os meses de maio e agosto, na ocasião o ex-ministro estaria passando por severas críticas ao seu governo, onde as *hashtags*³⁹ #forasalles passam a atingir 59,3 mil postagens na plataforma. Pedindo demissão do MMA no mês de junho, Salles permanece relativamente atuante no levantamento de seus posts com relação a questão ambiental, mas após a sua exoneração este passa a assumir um aspecto mais irônico e sarcástico em seus compartilhamentos, sobretudo para com as figuras de Marina Silva⁴⁰, Greta Thunberg e Leonardo DiCaprio, se utilizando também comparativos entre sua gestão ao MMA e as gestões posteriores.

³⁹ Sendo precedidas pelo símbolo “#”, se caracterizam como palavras-passe utilizadas em redes sociais com o intuito de organizar e categorizar informações disponibilizadas.

⁴⁰ Atual Ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima do Brasil sobre gestão do terceiro mandato do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

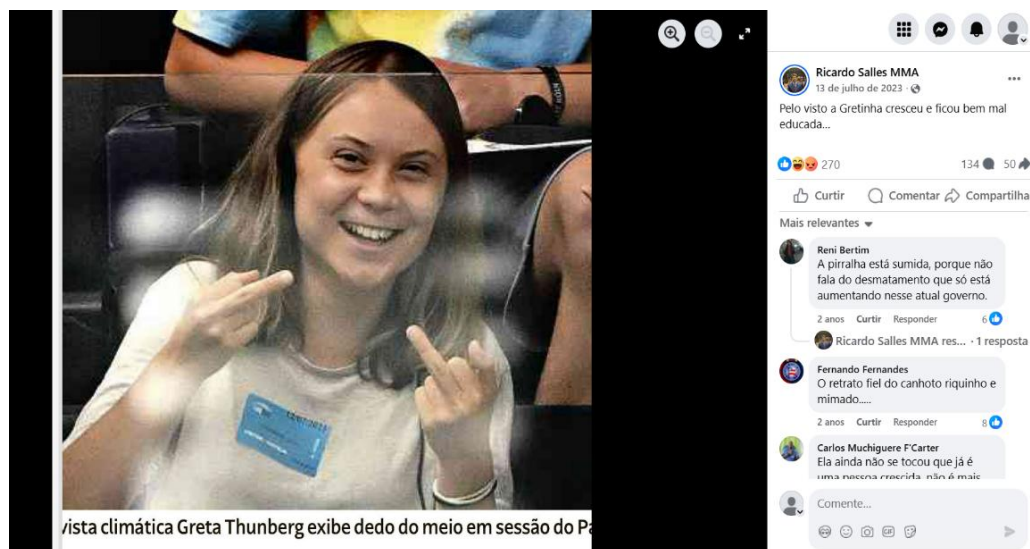


Figura 9. Post de Ricardo Salles para a plataforma facebook, 2023. Disponível em:

<https://www.facebook.com/share/p/17JQ8S3a6h/> Acessado em: 17 de julho de 2025

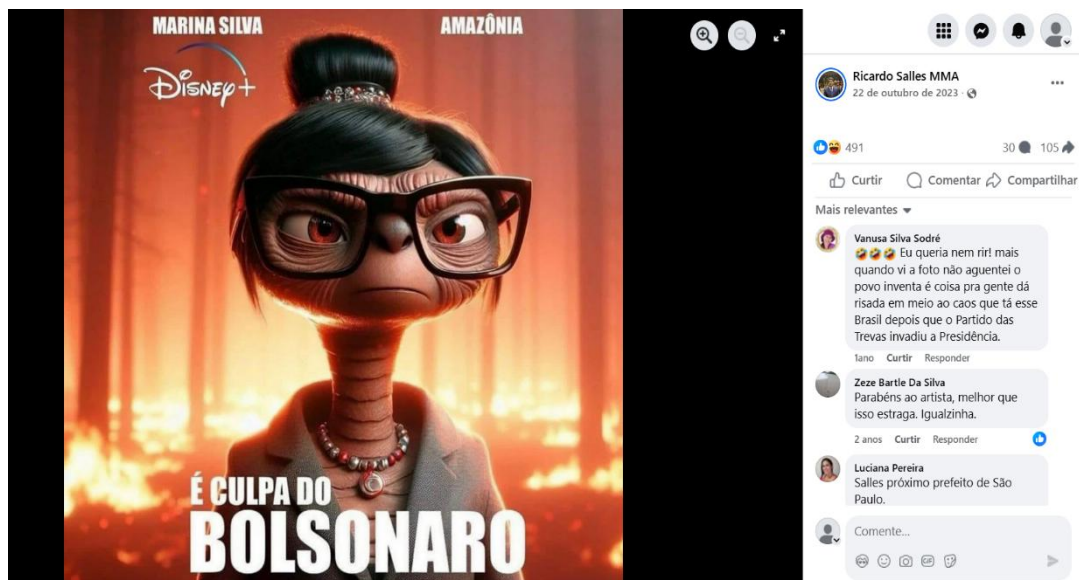


Figura 10. Post de Ricardo Salles para a plataforma facebook, 2023. Disponível em:

<https://www.facebook.com/share/p/1DMcoJuDqJ/> Acessado em: 17 de julho de 2025.



Figura 11. Post de Ricardo Salles para a plataforma facebook, 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/p/17dAHHGb7f/>. Acessado em: 17 de julho de 2025



Figura 12. Post de Ricardo Salles para a plataforma facebook, 2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/p/17i2QJR1J1/> Acessado em: 19 de julho de 2025.

Acerca da utilização da ironia nas mídias sociais, pode-se dizer que esta:

É uma estratégia discursiva cuja trama se constrói principalmente sob o pilar do fingimento e cuja função mais genérica é exatamente o contorno impreciso, dúbio, da relação do enunciador com o seu enunciado. Essa imprecisão se torna confortável do ponto de vista do ironista (Santos; Marques; Rodrigues, 2019, p. 10)

A ironia enquanto artifício discursivo encontra-se valorizada a partir da contraposição com aspectos mesmo cotidianos, sendo utilizada como uma provocação, mas também como resposta. Já o artifício do sarcasmo, os métodos possuem diferenças conceituais notórias, na ironia se aponta o *contrário* do que de fato se deseja dizer, enquanto o sarcasmo possuiria um aspecto mais agressivo e direto na mensagem a qual se pretende repassar, zombeteiro e intencional.

Uma possibilidade de interlocução entre as figuras de linguagem se encontra a *ironia sarcástica*, que enquanto estratégia argumentativa, deve-se ser analisada dentro de seu contexto seguindo moldes amplos de análise, que “como uma estratégia argumentativa que só pode interpretada tendo em conta a totalidade da unidade de sentidos em contexto” (Cavalcante; Brito; Faria; 2023).

Acerca da ação de Salles em suas mídias sociais se denota uma intencionalidade de “retaliação” em seus posts. Uma ação comparativa que satiriza as críticas direcionadas a sua gestão a questões ambientais atuais.

4 O NEGACIONISMO AMBIENTAL A PARTIR DE INCÊNDIOS FLORESTAIS NA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL “CORTINA DE FUMAÇA”

“O Sr. Não sabia/ Então me responde esta, não sabe que uma faísca/ Ensendeia uma floresta?”⁴¹

(Autor desconhecido)

Tendo sido lançado oficialmente em 14 de junho de 2021, o documentário Cortina de Fumaça da empresa Brasil Paralelo visaria argumentar acerca de questões ligadas a pautas ambientalistas, atuação de OGNs, questões indígenas, agronegócio brasileiro, desmatamento e incêndios florestais. Se tratando de uma produção audiovisual notória no que tange a sua produção, o documentário se vale de recursos diversos em sua constituição, mesmo em seu aspecto no que se refere a identidade visual, que passa a adotar a presença de linhas curvas que em análise podem remeter as fissuras presentes nos caules de árvores, as impressões digitais humanas e a linhas características de cédulas de dinheiro.

4.1 Entre metodologias e fumaça

O principal objetivo da história ambiental é aprofundar o conhecimento de como seres humanos foram através do tempo afetados pelo ambiente natural e como também o afetaram (Funes; Rios, 2020). Tal relação se fundamenta em uma simbiose de marcas estruturais e fundamentais, com a atuação do fogo como também um agente de constância significativa para esta relação. Dentre as principais diferenças entre uma *queimada* e um *incêndio* trata-se da intencionalidade de um possível agente humano no seu emprego, de modo que uma queimada se encontra marcada pela intencionalidade e um incêndio pelo descontrole, por isso apesar da possibilidade de ocorrências naturais, incêndios florestais podem derivar de queimadas.

Apesar do aspecto úmido da floresta amazônica, a incidência de incêndios florestais na região não se encontra limitada por comburentes como possivelmente o idealizado a partir dos aspectos estruturais do bioma, neste aspecto as questões climáticas influenciam substantivamente, por esta razão as mudanças climáticas impactam também nas dinâmicas de propagação do fogo. A partir de aparatos endógenos como as mudanças climáticas e exógenos como o desmatamento a propagação do fogo em florestas tropicais se encontra facilitada pelo meio devido a mudanças estruturais em sua constituição.

⁴¹ Autor desconhecido. s/d. Cópia reprográfica cedida por Gécilia Câmara a Felipe Ribeiro no ano de 2009. Acervo pessoal de Felipe Ribeiro com grafia original.

A parte da atuação humana, a incidência de fogo na natureza pode ocorrer a partir de relâmpagos, atividades vulcânicas quedas de meteoros, faíscas de rochas e combustão acarretada por atividade microbiana ou oxigenação em depósitos de carvão (Liesenfeld et al., 2016 *apud* Bowman et al., 2011). A cerca de florestas húmidas a incidência de fogo interfere diretamente na flora e na fauna local, uma ação que afeta diretamente a biodiversidade local. De acordo com pesquisas realizadas por pesquisadores do IPAM (Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazonia) apontam que florestas secundárias ⁴² em situação de desmatamento seguido por queimada podem levar entre 19 a 29 anos para uma recuperação plena, situação pertencente a região amazônica devido ao aumento nos índices de desmatamento na região.

Desse modo se percebe que a atuação humana possui notório impacto para a incidência de incêndios florestais em regiões de florestas tropicais e úmidas, um antropoceno se pondo em vigor, com o piroceno demonstrando seus resguardos. Por esta razão a falácia de normalidade para com o aumento de incidências de focos de incêndios florestais se demonstra nociva para com a conscientização acerca da conservação ambiental. Com isso o discurso elencado pela produção Cortina de Fumaça se prova com potencialidade para a formação de caos argumentativo.

De acordo com Cássio Tomaim (Tomaim, 2013), os limites entre produções documentarias e a ficção se tratam de linhas tênues, o documentário ao assumir o papel de narrativa se utilizaria de recursos e aparatos que o aproximariam da ficção. Deste modo a análise de um documentário deve se valer da intencionalidade do seu produtor e criador assim como também a de seu interlocutor ao assisti-lo. Um dos aspectos mais importantes na constituição de um documentário trata-se da sequência narrativa que esta passa a adotar, bem como também os recursos utilizados em sua constituição,

O espectador do documentário quer acreditar que as pessoas do filme existem ou existiram, que o que falam é verdade. É uma questão de confiança que se estabelece entre o documentarista e o espectador, quebrada esta aliança não existe representação que o convença do real (Tomaim, 2013 p.16)

Os documentários esbarram diretamente em aspectos como recordações, posicionamentos pessoais, intencionalidade da produção e disputas de narrativas. Desse modo tal qual se indaga a intencionalidade de um documento histórico, a crítica a produções documentarias também devem ser estabelecidas.

⁴² Trata-se de vegetação que se regenera após um evento de degradação ambiental, tais como desmatamento ou queimadas.

A Brasil Paralelo mantém um tom sóbrio e sempre muito contido. Seus filmes evitam parecer excessivamente sensacionalistas, almejando performar uma objetividade jornalística. A maior parte do enredo é transmitida por clipes de entrevistas e o narrador é calmo e assertivo. (Santos, et.al. 2024 p. 84)

4.2 Uma breve exposição de construção do audiovisual Cortina de Fumaça

O documentário elencado como fonte de análise para o presente ponto deste trabalho teve a sua escolha atrelada sobretudo devido a polemica por trás de sua criação e lançamento. Enquanto produção, cortina de fumaça possui notoriamente um “peso” no que tange a pós produção e uma favorável inserção temporal visto que treze dias após seu lançamento uma nova polemica nos debates ambientais entraria nos holofotes brasileiros, a demissão de Ricardo Salles.

FICHA TÉCNICA:

Título Original: Cortina de Fumaça

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 90 minutos

Ano de produção: 2021

Direção: Lucas Ferrugem

Cinegrafia: Andre S. Brandão

Roteiro: Elton Mesquita, Lucas Ferrugem e Kendy Fujita

Produção: Isabela Fuzaro

Música: Renan Amadeo; Iuri Cunha; Matheus Cunha; Kendy Fujita; Ian Murray

Edição: Renan Amadeo, José Otavio Gaó

Direção de arte: Evelyn Nonato

Departamento editorial: Kendy Fujita, Elton Mesquita, Diego Rosa, João Pedro Truzzi

Departamento de animação: Eduardo Gresler, Evelyn Nonato

Sinopse: Cortina de Fumaça é um filme que aborda a questão das queimadas na Amazônia, infanticídio indígena, atuação de ONG's ambientalistas e o potencial agrícola brasileiro no cenário mundial.

O desmatamento e as queimadas na floresta amazônica são pautas noticiadas constantemente, não só no Brasil, como internacionalmente.

A direção do documentário ficou a encargo de Lucas Ferrugem, diretor responsável por outras produções do Brasil Paralelo, sendo este também sócio fundador e roteirista pelo veículo,

tendo, portanto, um vínculo prévio com o a plataforma a produção de cortina de fumaça. A produção da obra ficou a encargo da própria Brasil Paralelo tendo sido assinada por Isabela Fuzaro, que assim como Ferrugem, também já produziu outras obras para o serviço de streaming como também atuou como diretora.

O documentário em questão trata-se de um compilado de informações, entrevistas e depoimentos que visam a “desmitificação” acerca dos incêndios ocorridos na região amazônica no ano de 2019 bem como também a apresentação de interpretações sobre o agronegócio no Brasil e as ações realizadas por OGNs, questões indígenas e o ativismo ambiental através de apontamentos que manifestariam “contradições”. Devido as articulações esboçadas pelo audiovisual este recebeu acusações de se tratar de uma produção negacionista ambiental bem como também críticas a cerca de seus respaldos se tratarem de teorias da conspiração. O próprio intuito do documentário estaria voltado para um suposto desmascaramento de discurso, e para realiza-lo é articulado um compilado de depoimentos, recortes de entrevistas, imagens, áudios e documentações como formar de embasar as afirmações realizadas ao longo do longa-metragem, que atinge um notório patamar no que se refere a polemicas, sendo usado como embasamento para inúmeros trabalhos acadêmicos relacionados a sua atuação na propagação de teorias conspiratórias e negacionistas, como também e impactos que tais afirmações provocaram nos debates ambientais.

A produção tenta articular suas afirmações a documentos e dados estatísticos, ação que passa ao telespectador a sensação de credibilidade para com estes. Partindo de conhecimentos já comprovados se direcionam para afirmações que se encaixam nas noções de negacionismo ambiental, ora as informações coincidem e ora se contradizem (principalmente partindo da premissa de “desmitificação” pretendida pelo documentário para com as informações circulantes durante o período, entretendo se contradizendo em determinados pontos com suas próprias afirmações). Os fatos aos poucos se misturam com os pontos de vista, e essa mescla se torna incentivada quando o documentário elenca depoimentos e entrevistas de “grandes nomes”, indivíduos que “teriam conhecimento o suficiente para falarem sobre determinadas questões”, e ao articularem percepções conspiratórias a fatos comprovados o conhecimento científico vai sendo questionado, fazendo com que o telespectador possa tomar suas exposições como verdade absoluta.

Dentre aspectos de filmagem, as estabilizações das câmeras encontram-se posicionadas principalmente seguindo as técnicas de colocação normal, panorâmica, travelling⁴³. Durante os

⁴³ Movimento de câmera através da utilização de trilhos e carrinhos para move-la.

depoimentos dos entrevistados, hora a câmera se aproximando de seus rostos e hora se distanciando destes em modo panorâmico. Durante recortes de filmes, series, reportagens e vídeos caseiros editados e utilizados no documentário se denota as câmeras em travelling e contra-plongé⁴⁴, por se tratarem de vídeos a parte da realização do documentário, os recortes e edições destes para as suas articulações durante o audiovisual aparentam terem seguidos critérios de angulações de câmeras para o favorecimento da edição, que muitas vezes os acelera ou os “retorna” como em uma tentativa de retratar uma volta nas informações apresentadas.

As maiores estabilizações de filmagem ocorrem efetivamente durante as entrevistas, onde muitas destas aparentam não terem sofrido troca de câmera, estando em estado predominantemente panorâmico com mudanças na angulação e nas estratégias de zoom e controle de filmagem, mas ainda se notando a predominância da estabilidade, o que passa uma sensação de credibilidade para com a informação. Ao se referir a Floresta Amazônica são expostas imagens aéreas de sua extensão como em uma tentativa de expor seu tamanho como estratégia colaborativa para a argumentação de que o desmatamento não teria alcançado proporções alarmantes como o exposto pela grande mídia com o discurso de que esta estaria preservada com mais de 60% de extensão territorial mantida, como também o mesmo recurso se torna reutilizado para a exposição de incêndios florestais (agora articulado com a música para a sensação de “revelação”).

Entre as estratégias de filmagem encontra-se a articulação dos entrevistados com o plano de fundo, estando estes variando entre ambientes naturais com vegetação em segundo plano, escritórios e salas de estar, partindo deste ponto ao longo dos depoimentos hora o plano de fundo encontra-se em foco nas gravações e hora encontra-se ligeiramente desfocado. Quando os convidados gesticulam com as mãos em determinados momentos se percebe a mudança de close-up, direcionando o foco apenas da região do rosto e colo dos convidados agora para também a região de seus troncos. Na minutagem 30:35 é possível perceber o posicionamento da câmera favorecendo a vegetação que se encontra como plano de fundo do entrevistado, o favorecimento contribui para a retratação do entardecer sendo ainda mais ressaltado quando aparece sons de grilos ao fundo da gravação (sons que foram mantidos na pós edição).

Já no depoimento da Senadora Damares Alves sobre sua filha indígena adotada a câmera também vai sofrendo alternâncias e mudando os zoom's chegando mais próxima e dando ênfase em seu rosto e mudando novamente quando a entrevistada passa a gesticular com suas mãos.

⁴⁴ Posicionamento de câmera abaixo do objeto ou personagem ao qual se pretende retratar. A angulação de baixo para cima causa um efeito de imponentia, neste caso tornando o sujeito maior do que realmente é.

O documentário é dividido por eixos temáticos, e as músicas vão se adequando a essas temáticas estabelecidas. A exemplo, durante o eixo relacionado ao agronegócio brasileiro a música se torna mais “agrária”, uma categoria de música predominantemente relacionado a programas relacionados a questões do agronegócio como o programa Globo Rural, um instrumental contínuo e “alegre”, com notas construídas em euforia e perspectiva. Durante as seções designadas para as ações de OGNs e que retratam as questões dos incêndios florestais o instrumental sofre uma significativa mudança, agora causando choque, ansiedade e expectativa, a música se torna um prelúdio para as informações expostas (a exemplo das minutas 26:15 e 47:59), desse modo o telespectador involuntariamente se prepara para a informação exposta, o que contribui mesmo para os cenários de alternâncias entre as temáticas, no depoimento da Senadora Damares Alves sobre a adoção de sua filha indígena a música se torna triste ao longo de seu relato e esperançosa ao final.

A depender do eixo temático a música pode transpassar drasticamente entre uma melodia dramática e tensa para sons de preparo para uma grande revelação. A cerca de práticas indígenas retratadas se denota a utilização de músicas com sonoridade mística e quase “ancestral” atrelada a sons associados a florestas, bem como também no recorte denominado Segredos obscuros sobre o Greenpeace onde o som de fundo contribui para a construção da narrativa, gerando um cenário que poderia ter sido retirado de um filme de ficção científica no que tange a tragicidade, a música contribui para a fala do entrevistado Patrick Moore quando este fala que a organização teria se tornado uma “força do mal”, um esquema de corrupção e uma “organização conspiratória”.

Durante a apresentação dos entrevistados, estes são colocados por meio da edição em uma montagem que remete a cédulas de dinheiro. Também se observa a presença do som característico de papel queimado nas trocas dos documentos e imagens apresentadas, bem como também pequenos desenhos “vazados” de plantas por cima de fotos e de alguns taques das entrevistas. Em um determinado momento que visaria desmitificar os discursos apocalípticos se observa novamente a utilização de efeitos especiais que causam desconforto perante aquela exposição, mudando drasticamente para expectativa quando a voz do narrador ressurgiu em um pronunciamento sobre como seria fácil a constituição de uma argumentação apocalíptica. Se observa a mudança entre os filtros utilizados para o “tratamento” das imagens, que hora ficam mais quentes e hora encontram-se ligeiramente mais frias. Durante a narração de um mito indígena, este é narrado enquanto a história é retratada por meio de desenhos animados.

O documentário passa credibilidade para seu telespectador, se observa que se trata de uma produção privilegiada por recursos e uma boa estrutura e construção, sendo talvez este o seu maior perigo no que se refere a negacionismo. Ao elencar dados, documentações e depoimentos de nomes como Patrick Moore (fundador do Greenpeace e ex-presidente), Roberto Rodrigues (engenheiro agrônomo e ex-ministro da agricultura), Alysson Paulinelli (ex-ministro da agricultura e indicado ao prêmio Nobel) e outros nomes de “grande peso” se cria o cenário propício para se criar todo um cenário de favorecimento para com os discursos pretendidos pelo documentário e articulação com o que o narrador deste aponta.

Toda a sua formulação foi estruturada para repassar a sensação de confiança e veracidade, e para isso a produção não polpa recursos de filmagem, montagem e efeitos especiais de modo que o telespectador possa acreditar que as suas exposições são verídicas e inquestionáveis, sobretudo quando se é apresentado dados comprovados que são articulados com teorias e posições ideológicas, formando um emaranhado de informações que mestra a veracidade com o negacionismo.

O audiovisual teria pretensões de apresentar ao seu telespectador um novo olhar acerca dos incêndios florestais do ano de 2019 e “desmistificar” o que a grande mídia e as organizações ambientalistas estariam falando sobre este evento, entretanto pouco se fala efetivamente sobre os incêndios, não se apresenta dados sobre este ou depoimentos sobre suas extensões e consequências, todo o discurso que gira em volta deste fato se volta para o discurso de que seria comum pequenos incêndios na região (sobretudo para a agricultura) e que mais da metade da vegetação nativa estaria preservada em comparação a outros países que teriam fortalecido suas economias (países menores que o Brasil em extensão territorial, desse modo um comparativo injusto).

Se elenca o discurso de que “pequenos incêndios” e “pequenos desmatamentos” seriam favoráveis para o agronegócio (apresentado como algo vantajoso para o país como uma tentativa de contrariar os discursos de que este seriam um vilão ambiental) apresentando ressalvas sobre como a sua construção seria favorável tanto para o Brasil como para o mundo. Desse modo os incêndios e o desmatamento serviriam para uma “causa maior” que estaria sendo prejudicada pelas ações de ONGs ambientais que também estariam alienando pessoas indígenas, e o papel da produção seria realizar tais revelações para o público. Uma construção discursiva realmente muito bem articulada, se tornando assim extremamente perigosa.

Desse modo o documentário reserva mais tempo para falar sobre outros assuntos do que sobre propriamente os incêndios de 2019. Tendo recebido críticas severas a equipe do Brasil Paralelo segue rebatendo esses julgamentos defendendo a produção, que tal qual como no presente escrito, passa a ser articulada em trabalhos acadêmicos sobre o papel da mídia audiovisual na propagação do negacionismo ambiental.

4.3 A boiada invade a tela

A expressão “a boiada invade as telas” foi utilizada no dia 29 de julho de 2021 pelo site Agencia Publica⁴⁵ em matéria acerca do documentário Cortina de Fumaça do Brasil Paralelo. A matéria em questão escrita pelos jornalistas Ethel Rudnitzki, Laura Scofield e Rafael Oliveira tenderia expor afirmações falaciosas presentes na produção, com título que faria alusão a famigerada frase dita por Ricardo Salles acerca de “deixar a boiada passar”, afirmação colocada acerca de determinadas regras ambientais, se valendo da pandemia do COVID-19 no ano de 2020, a frase em questão ganhou destaque nos debates ambientalistas devido ao seu impacto, lançando Salles a uma nova onda de críticas no que tangeria a sua gestão ambiental.

De fato, a gestão ao MMA de Ricardo Salles encontrou em seus desafios e críticas sofridas o pedido de demissão do ministro em 23 de junho de 2021, nove dias após o lançamento do documentário do Brasil Paralelo, que em suas mídias sociais realizam uma breve nota acerca da demissão de Salles e articulando o ocorrido com sua mais recente produção audiovisual devido ao aspecto das queimadas⁴⁶.



⁴⁵ Matéria disponível em: <https://apublica.org/2021/07/a-boiada-invade-a-tela/>

⁴⁶ Vale-se ressaltar que apesar do post via Facebook do Brasil Paralelo acerca da exoneração de Ricardo Salles apontar o ano de 2020, aspecto importante devido a superação de novos números acerca de focos de incêndios, o documentário Cortina de Fumaça retratará ocorrências de 2019 e 2020 como principais pontos acerca dos incêndios florestais, tal aspecto pode ser evidenciado a partir da escolha da produção no que tange recortes de notícias televisivas, posts de celebridades e atuação de OGNs. Deve-se também apontar para a presença de outros recortes temporais na produção.

Figura 13. Postagem da Brasil Paralelo pela plataforma facebook sobre a demissão de Ricardo Salles , 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/p/1AQaNDNpxD/> Acessado em: 20 de outubro de 2025.

Um aspecto importante a ser levantado sobre a articulação das ocorrências envolta da exoneração de Salles e o meio de promoção de Cortina de Fumaça como mecanismo em conjunto, trata-se da não menção do agora ex-ministro no documentário, mesmo no que tange legislação ou polemicas acerca dos incêndios florestais apesar das polemicas.

Apesar da menção a Salles apenas via postagem em mídias sociais com relação ao Cortina de Fumaça, o ex-ministro disponibiliza para o veículo uma entrevista para o programa do quadro do streaming intitulado *Contraponto*⁴⁷ em 27 de setembro de 2021. Na ocasião Salles menciona aspectos de seu governo e reflexões pessoais acerca da condução de gestão ambiental brasileira, sua demissão e o governo de Bolsonaro (sendo um notório apoiador). Dentre polemicas se denota a sua contrariedade pessoal para com as divisões entre as instituições Ibama e ICMBio em 2007. Salles também teria apontado acerca do “benefício” de poder realizar debates em abstratas, uma forma de rebater as críticas enfrentadas por sua gestão. Sendo um defensor da bioeconomia para com relação a Amazonia Legal, Ricardo Salles também realiza ponderações sobre este posicionamento, mas também estabelece o caráter de urgência para com medidas sociais na região, de modo que a bioeconomia demandaria tempo para produzir resultados para populações locais.

Acerca da famigerada frase “passando a boiada”, o entrevistado relata a Bruno Magalhães, o apresentador do programa, onde apontaria que a expressão utilizada se referiria a uma medida de desburocratizar determinadas políticas, apontando que o Brasil seria o “inferno do empreendedor”. A edição do programa apontara a atuação de Salles em políticas de saneamento, seu posicionamento acerca de críticas para com desmontes de políticas ambientais, onde se defende afirmando que teria herdado uma estruturação de Ministério do Meio Ambiente já precarizada e critica ambientalista que não mencionam sobre a questão do lixo, apontando que estes apenas debateriam “questões em alta”. Salles também debate acerca da questão amazônica apontando que a região possuiria o pior índice de desenvolvimento humano no país na ocasião. Temáticas sobre os incêndios florestais são citadas, mas não debatidas com intensidade quando comparadas a outras pautas levantadas pelo programa.

4.4 O negacionismo ambiental de Cortina de Fumaça

⁴⁷ Disponível em: <https://youtu.be/GhANihLLks8?si=oaR6kRDI4JfMsrc-> Acesso em: 16 de outubro de 2025.

Negacionismo se refere a recusa de fatos ou negação de evidências amplamente aceitas. Apesar da potencialidade de ser elencada como “arma” argumentativa e até mesmo ideológica, o termo negacionismo não perde a sua importância, apesar de possibilidades amplas de seu mal uso ou confusões conceituais, a colocação de tal aspecto a uma questão de opinião pode cair perigosamente no aparato do reducionismo.

No que tanga ao negacionismo ambiental, este pode ser interpretado como a negativa de impactos humanos no meio ambiente bem como suas consequências negativa. Possivelmente os debates mais acalorados acerca desta questão encontram-se conectados as mudanças climáticas, partindo assim para o negacionismo climático, a escolha pelo termo “negacionismo ambiental” pelo presente texto se dá devido a sua potencialidade para também abarcar a recusa pela aceitação para com a gravidade dos incêndios florestais (aspecto favorecido também por mudanças climáticas). Na produção em questão, tal aspecto se evidencia em sua constituição argumentativa.

00:00 - Abertura

04:36 - A prática indígena de enterrar bebês

10:04 - Cientistas famosos que pregam a teoria do extermínio em massa

15:05 - O agrônomo indicado ao prêmio Nobel da Paz

24:00 - Segredos obscuros sobre o Greenpeace

26:42 - Como o Petróleo ajudou a salvar baleias e espécies marinhas

28:17 - Como as principais ONGS Ambientalistas desviam milhões de reais

49:43 - Como ambientalistas políticos corromperam e manipularam os índios

1:00:22 - Burocratas e antropólogos prejudicaram gravemente os índios

1:15:23 - A emocionante história da Índia que sobreviveu abandonada na mata

1:19:28 - Previsões apocalípticas ambientais que são falsas

1:29:15 - A verdadeira intenção por trás dos ambientalistas em defenderem a Amazônia

1:39:38 - Final: a solução para acabar com a fome mundial está no Brasil

Cortina de Fumaça é um filme que aborda a questão das queimadas na Amazônia, infanticídio indígena, atuação de ONG's ambientalistas e o potencial agrícola brasileiro no cenário mundial.

O desmatamento e as queimadas na floresta amazônica são pautas noticiadas constantemente, não só no Brasil, como internacionalmente.

Figura 13. Recorte de descrição no Youtube do documentário Cortina de Fumaça, 2021. Captura de tela.

Implicitamente a constituição argumentativa apresentaria um discurso de sucessões que revelariam uma “grande verdade” ignorada. A escolha pelos nomes presentes na produção contribui essencialmente para este aspecto. Desse modo, a partir de uma análise empírica, se denota que a construção argumentativa adotada apontaria para aspectos de que determinados sujeitos indígenas possuem ações nocivas dentro de suas realizações culturais, as ONGs que atuariam na região por sua vez seriam entidades corruptas e duvidosas em suas realizações (estando estas em contato com os indígenas, um perigo em potencial), o agronegócio brasileiro trata-se de uma realização a contribuir com a alimentação mundial devendo ser valorizado

devido sua grandiosidade, as falas sobre problemas ambientais se tratariam de previsões apocalípticas fortalecidas por seu emprego em conjunto a sua constituição discursiva-expositiva. Na prática, pouco se fala sobre os incêndios florestais, restando a estes apenas momentos de menção quando colocados em aspecto de normalidade ambiental. As questões relacionadas as queimadas na Amazônia Legal são colocadas como aparato para a argumentação de alarmismo midiático pela produção, mas não há um real debate ou exposição sobre a temática, de modo que se a produção se colocaria no papel de evidenciar a “verdade por baixo dos panos”, então a suposta verdade sobre o aumento nos dados de desmatamento e incêndios permanecem encobertos, com apenas a sua silhueta evidenciada pela produção.

O documentário foi amplamente debatido pela comunidade ambientalista, sobretudo a partir de sua construção discursiva conspiracionista. A colocação de indígenas como sujeitos passíveis e suscetíveis a “má influência de ambientalistas perversos que contribuem para o seu não desenvolvimento econômico e social” demonstra um aspecto colonialista empregado discursivamente (práticas nocivas).

Cortina de Fumaça reduz o meio ambiente a um reservatório de recursos em disputa e os povos indígenas a sujeitos que precisam “desejar”, “se desenvolver” e “progredir” como “nós”. Ambos os movimentos são pilares do colonialismo. [...] O apagamento do “Outro” permite imputar-lhe desejos e horizontes de possibilidades, sendo que apenas quem se integra e é assimilado é passível de ser concebido como autônomo. (Santos et. al, 2024., p.90)

De acordo com Foucault em *A ordem do discurso* (Foucault, 1970), pessoas “autorizadas a falar”. O *quem fala, sobre o que fala, como fala e de onde fala* contribuem para a afirmação do poder do discurso, tal recurso é amplamente utilizado em documentários, e *cortina de Fumaça* trata-se de um desses. Ao se colocar nomes “autorizados a falar” sobre determinadas temáticas, um “jogo de informações” pode ser desempenhado, de modo que telespectador tenda mais facilmente a aceitar a informação disponibilizada. O poder do discurso ordenado.

4.5 Possibilidades pedagógicas

Por meio do Projeto Mecenias a Brasil Paralelo disponibiliza muitas de suas produções em ambientes escolares⁴⁸, e comumente professores da disciplina de história podem se valer de documentários ou produções audiovisuais como mecanismo pedagógico em suas aulas. A necessidade de docentes em averiguar informações e materiais antes de disponibilizar a seus

⁴⁸ Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/projeto-mecenias-brasil-paralelo>

alunos se faz essencial, uma vez que o acesso de estudantes as fake News ou a informações errôneas, com o auxílio da internet, tem se fortalecido.

Na prática, professores enfrentam questões diversas durante a execução de suas aulas, perpassando por aspectos infraestruturas ou de adesão por parte dos alunos ao conteúdo programático. Neste ponto o presente tópico do texto retratará atuações pessoais de sua autora. A partir do Programa Institucional de Bolsa Iniciação Científica (PIBIC) nos anos de 2024 e 2025 sobre a temática “O tempo e a floresta no pensamento ameríndio brasileiro: ponderações sobre teoria da história ambiental e perspectivismo” sobre orientação do Professor Doutor Fernando Botton, como produto para as pesquisas executadas em virtude do programa, foi criado um sequencia lúdica de mini jogos que visam tratar acerca de ecocrítica e emergência ambiental intitulado *A lenda de Kauê*⁴⁹. A história autoral retratará a trajetória de Kauê, criança indígena sobrevivente de um massacre para com a sua comunidade (aspecto influenciado pela ocorrência real do Massacre de Haximu⁵⁰) e sua trajetória em conjunto com seus companheiros onça pintada, formiga cortadeira e beija flor em uma missão repassada pelos espíritos da floresta amazônica através de Mavurá, personagem criada para a obra como representação do espírito ancestral da Floresta Amazônica.

A trajetória de Kauê passará por momentos caracterizados por ocorrências de aparato ambiental na Amazonia Legal, como a presença de madeireiros, garimpeiros, caçadores de fauna silvestre, mineradores e um incêndio florestal. A formulação do jogo se deu a partir de ferramentas como Canva e inteligência artificial para a criação de imagens, com a intenção de adaptação eventual por profissionais da docência. Tendo sido formulado para a faixa etária de quatorze anos, o jogo possui relação de interdependência dentre suas partes, contando com a história de Kauê, uma sequência de verbetes explicativos, sugestões de livros e vídeos e os minijogos presentes em cada fase.

A procura por processos que visassem práticas gameficadas de conhecimento-ensino não aspira a criação de uma nova matriz de “saberes pedagógicos”, mas sim a procura de dinâmicas que abarcassem a possibilidade de reflexões acerca de pautas ambientais e antropoceno.

⁴⁹ Imagens-protótipo de peças do jogo disponibilizadas na seção de anexos.

⁵⁰ Chacina contra indígenas do grupo étnico Yanomami no ano de 1993 no estado de Roraima através de ação de garimpeiros. O massacre acarretou na morte de 16 indígenas, sendo em maioria mulheres e crianças. O caso foi julgado como genocídio, o primeiro a ser julgado nesta modalidade na história do Brasil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso pode ser elencado enquanto constitutivo para uma ação pressuposta de negacionista ambiental quando se mistura informações verídicas com “meias verdades”. A visão maniqueísta entre o bem e o mal argumentativo pode representar potencialidade de reducionismo perante situações de crise ambiental, entretanto a emergência climática trata-se de uma situação real e o negacionismo para com esta, de um perigo em potencial.

A ascensão de discursos negacionistas ambientais que circulam através da premissa de “verdades não ditas” foi possibilitada por uma conjuntura caracterizada por um cenário social e político específico, uma vez que “para romper com as ideias recebidas e o discurso corriqueiro, não basta, como algumas vezes se quer acreditar, “ir ver” o que existe” (Bourdieu, 1993). Perante um notório cenário caracterizado por uma atuação da política brasileira com ações direcionadas a eventuais falácias no que diz respeito a manutenção da biodiversidade nacional, também se denota que esse mesmo esforço aparenta não refletir na luta pela reversão das mudanças climáticas a exemplo, estando essa pauta efetivamente assegurada apenas por discursos políticos aparentemente. No recorte estabelecido para a execução do presente trabalho se denota a participação do ruralismo brasileiro em pautas cabíveis ao MMA, estando esta característica assegurada pelo próprio ex-ministro Ricardo Salles, um defensor assíduo de ruralistas e do agronegócio, sendo um incentivador e favorecedor, realizando mesmo afirmações controversas no que diz respeito à sobre “balança” entre agronegócio e preservação ambiental.

Na contemporaneidade é perceptível a ocorrência de ações incendiárias em quase todos os biomas brasileiros, sendo esta a força motriz que direciona a presente argumentação para as ocorrências relacionadas ao ano de 2019 visto o impacto conjuntural do ano em questão para com os debates acerca de incêndios florestais contemporâneos. As noções de inserção temporal contribuem para as percepções de continuidades e rupturas o que colabora fundamentalmente para com uma escrita que se pretenda ser resguardada pelas bases teóricas da história, entretanto para o presente trabalho uma relação resguardada por interdisciplinaridade se faz essencial, com o intuito de compreender quais aspectos conjunturais possibilitaram o fortalecimento do negacionismo ambiental acerca da gravidade dos incêndios florestais na região amazônica, de modo que a leva de conservadorismo em conjunto com as *fake news* criaram um cenário propício para o enraizamento de afirmações revisionistas e conspiracionistas, o “não foi bem assim” sendo elencado enquanto discurso.

Com isso o documentário *Cortina de Fumaça* do serviço *Brasil Paralelo* sobre direção de Lucas Ferrugem surge como um suprasumo desse discurso antiambientalista, conspiracionista e negacionista. Com esta premissa os jornalistas Caio Dayrell Santos, Andressa Michelotti e Ricardo Mendonça apontam que o audiovisual em sua própria estrutura se trataria de:

[...]parte de uma mentalidade conspiratória que busca sempre referendar a si mesma, condicionando sua escuta a apenas falas e informações que lhes sejam convenientes enquanto desconsidera ou ignora quaisquer contradições, incertezas ou ambiguidades que emerjam no processo de filmagem. Nesse sentido, *Cortina de Fumaça*, assim como outras peças do *Brasil Paralelo*, aproxima-se mais de uma peça de propaganda do que de um documentário que busque investigar a realidade.” (Dayrell Santos et al., 2024 p. 77).

Cortina de fumaça expressa um pensamento colonialista para com o meio ambiente na condição de provedor de recursos como também de povos indígenas na condição de vítimas da antropologia, onde se estabelece “um paradoxo de tutela e autonomia a atravessar a leitura colonial da alteridade: é somente quando o “Outro” deseja aquilo que “eu” entendo ser da ordem do desejável que posso reconhecê-lo como autônomo, mas esse Outro só poderá exercer essa “autonomia” se devidamente salvo, resgatado e tutelado.” (Dayrell Santos et al., 2024 p.90)

Desse modo, a desconstrução de um discurso possivelmente se prove mais desafiadora do que a sua própria construção, mas para se romper com algo já criado, primeiramente se faz necessária a compreensão de suas bases fundamentais que possibilitaram a sua constituição.

REFERENCIAS

Fontes

BRASIL. Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012. disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12651.htm.

CORTINA de Fumaça. Direção de Lucas Ferrugem. Brasil Paralelo: 202. Disponível em:
<https://youtu.be/hPTlsV2lmBw?si=sWRICNe92zKLKBwy>

Jornal Nacional, edição de 20 de julho de 2019

Jornal Nacional, edição de 22 de agosto de 2019

Jornal Nacional, edição de 23 de agosto de 2019

Roda Viva, edição de 26 de agosto de 2019

Sites

BARBOSA, L. **Investigações sobre “Dia do Fogo” na Amazônia não identificaram culpados.** PUBLICA. Disponível em: <<https://apublica.org/nota/investigacoes-sobre-dia-do-fogo-na323-amazonia-nao-identificaram-culpados/>>.

Bastos, Carlos Enrique Arrais Caputo; MORAES, Marina Almeida. O impacto das redes sociais na formação da vontade política: um desafio à democracia. Conjur, 2025. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2025-jan-24/o-impacto-das-redes-sociais-na-formacao-da-vontade-politica-um-desafio-a-democracia/>

CAMPOS, Mariana. **Ricardo Salles vai tarde. Tarde demais para o governo recuperar a credibilidade.** Greenpeace., 2021. Disponibilizado em:
https://www.google.com/search?q=referenciar+site&rlz=1C1GCEA_enBR1054BR1054&oq=referenciar+site&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyDggAEEUYJxg5GIAEGIoFMgcIARAAGIAEMgcIAhA

Cortina de Fumaça, IMDb. Disponível em:
https://www.imdb.com/title/tt15480076/fullcredits/?ref=tt_cl_sm

Saiba a verdade sobre foto emocionante de macaca com filhote na ‘Amazônia’. **AM1**. 22 ago. 2019. Disponível em: <https://amazonas1.com.br/saiba-a-verdade-sobre-foto-emocionante-de-macaca-com-filhote-na-amazonia/>

MELLO, P. C. (2019, October 14). **Autor da bíblia de ruralistas critica ONGs estrangeiras na Amazônia e globalismo.** Folha de S.Paulo.
<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/10/autor-da-biblia-de-ruralistascritica-ongs-estrangeiras-na-amazonia-e-globalismo.shtml>

“Nós estamos aqui para sofisticar a qualidade da informação circulante e não para poluí-la” afirma Lucas Ferrugem. Brasil Paralelo, 4 de nov. de 2022. Disponível em:

<https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/nos-estamos-aqui-para-sofisticar-a-qualidade-da-informacao-circulante-e-nao-para-polui-la-afirma-lucas-ferrugem>

IBGE, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazonia-legal.html>

Bibliográficas

ANDRADE, R. DE P.. “Conquistar a terra, dominar a água, sujeitar a floresta”: Getúlio Vargas e a revista “Cultura Política” redescobrem a Amazônia (1940 – 1941). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v.5, n. 2, p. 453-468, maio 2010.

ANDRADE, R. DE P.. “**Conquistar a terra, dominar a água, sujeitar a floresta**”: Getúlio Vargas e a revista “Cultura política” redescobrem a Amazônia (1940-1941). Boletim do Museu paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 5, n. 2, p. 453-468, maio 2010, BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

BRITTO, Marcos Corrêa de. **Cortina de Fumaça e a Produção de Mitos Coloniais**. Rio de Janeiro, INTERCOM: 2022.

BOAVENTURA, Kárita Jesus; PORFÍRIO JUNIOR, Eder Dasdorian; VAZ, Wesley Fonseca; SILVA NETO, Carlos de Melo e; DUTRA E SILVA, Sandro. **Educação Ambiental e Percepção Acerca do Fogo e seus Impactos no Cerrado: Uma Pesquisa Qualitativa**. Fronteira: Journal of Social, Technological and Environmental Science, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 355–379, 2020. DOI: 10.21664/2238-8869.2020v9i3.p355-379. Disponível em: <https://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/4007>.

BOURDIEU, P. (Org.) **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1993.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva; FARIA, Maria da Graça dos Santos. Atos linguageiros de ironia sarcástica: considerações argumentativas em linguística textual. *Revista da Anpoll*, v. 54, n. 1, e1900, 2023. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v54i1.1900>

CHAKRABARTY, Dipesh. “**O clima da história: quatro teses**”. *Sopro*, n. 91, p. 4-22, 2013

CORREA, L. DE P. DE A.; CORREA, R. S. Queimadas na Amazônia em 2019: uma análise sob o aspecto do direito internacional público ambiental. **Cadernos Eletrônicos Direito Internacional sem Fronteiras**, v. 2, n. 2, p. e20200222, 14 ago. 2020.

DA CUNHA, M., VASQUES VITAL, A., & DUTRA E SILVA, S. (2024). As “**queimadas asfixiantes de agosto**” e o risco de desertificação do Brasil Central: fogo, ecologia e ecocrítica. *Historia Agraria De América Latina*, 5(01), 1–18. <https://doi.org/10.53077/haal.v5i01.178>

DAYRELL SANTOS, C.; MICHELOTTI OLIVEIRA, A.; FABRINO MENDONÇA, R. “Cortina de Fumaça” - Negacionismo ambiental e imaginário colonial no YouTube. **Mídia e Cotidiano**, v. 18, n. 1, p. 74-95, 8 jan. 2024.

DE ALMEIDA, Rogério; CHUNG MICCA, Caio. Negacionismo ambiental em O segredo do Bonzo a partir das leituras de imaginário, real e ilusão em Clément Rosset. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, [S. l.], v. 6, p. e12349, 2021. DOI: 10.20873/uft.rbec.e12349. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/campo/article/view/12349>.

FERDINAND, M. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FREYESLEBEN, A.. Os tempos do Antropoceno: reflexões sobre limites, intensidades e duração. **História (São Paulo)**, v. 42, p. e2023038, 2023.

FUNES, E. A. ; RIOS, Kênia Sousa (Org.) ; CORTEZ, Ana Sara Ribeiro Parente (Org.) ; MAIA Neto, Emy Falcão (Org.) . Natureza e Cultura- Capítulos de História Social. 1a. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2013. v. 01. 206p .

GOMES, Sally Ramos; ZAMORA, Maria Helena. Negacionismo: definições, confusões epistêmicas e implicações éticas. *Ciência. educ. (Bauru)*. 2024. Vol. 30. DOI: 10.1590/1516-731320240008

GONDIM, Neide. A invenção da Amazônia. São Paulo: Marco Zero, 1994.

KATE YODER. Como os humanos iniciaram o Piroceno, uma nova Era do Fogo, Eco21, Revista 275, outubro de 2019.

KLEINBERG, Ethan. **Historicidade espectral: teoria da história em tempos digitais**. Tradução de André da Silva Ramos. Vitória: Editora Milfontes, 2020.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo**. Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014.

LIESENFELD, Marcus Vinicius Athaydes; VIEIRA, Gil; MIRANDA, Ires Paula de Andrade. Ecologia do fogo e o impacto na vegetação da Amazônia. **Pesquisa Florestal Brasileira**, [S. l.], v. 36, n. 88, p. 505–517, 2016. DOI: 10.4336/2016.pfb.36.88.1222. Disponível em: <https://pfb.sede.embrapa.br/pfb/article/view/1222>.

LOUREIRO, V.R.. Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir. Estudos Avançados, v. 16, n. 45, p. 107 -121

MACEDO, J.N.; BIAZUSSI, H.M. Queimadas: impactos ambientais e a lei 9.605/98. Revista Científica do CEDS, n. 7, 2017. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/590386153/queimadas-impactos-ambientais-e-a-lei-9-605-1998>

MARRAS, Stelio; TADDES, Renzo (org.); et al. **O Antropoceno: sobre modos de compor mundos**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022

MARTINS, Ana Paula Vosne (Org.). **O Cinema na sala de aula: uma abordagem didática**

MARTINS, Ana Paula Vosne (Org.). **O Cinema na sala de aula: uma abordagem didática**. Curitiba: UFPR, 2007.

MEIRELES, A. V.. Algoritmos e autonomia: relações de poder e resistência no capitalismo de vigilância. **Opinião Pública**, v. 27, n. 1, p. 28-50, jan. 2021.

MENDES, Karla. **Estudo prova que queimadas na Amazônia ocorreram em áreas desmatadas em 2019**. Mongabay, 13 de set de 2019. Disponível em: <https://brasil.mongabay.com/2019/09/estudo-prova-que-queimadas-na-amazoniaocorreram-em-areas-desmatadas-em-2019/>

MIGUEL, K. G.; FRANCO DE SOUZA, A. . Midiativismo ambiental: a boiada de Ricardo Salles na Amazônia Real: Environmental media activism: Ricardo Salles' oxen in Amazonia Real. **Esferas**, v. 1, n. 25, p. 510 - 530, 17 nov. 2022.

MORAES, Péricles. **Os intérpretes da Amazônia**. Manaus: Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001.

MORETTO, S. P. . O (re)florestamento e os incentivos para introdução da monocultura de Pinus spp no planalto de Santa Catarina, Brasil. *Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC)* , v. VI, p. 298-310, 2016.

MORETTO, Samira Peruchi. **O desmatamento e re/florestamento no Oeste de Santa Catarina nas décadas de 1960 e 1970**. *Revista Maracanan*, v.1, p. 239-257, 2021.

NEGREIROS, G. H. de . As Três Dimensões do Fogo Florestal. *In: O fogo do fogo: Ecologia e política das queimadas nas serras dos sertões*. p. 19- 60, 2024.

NEVES, E.G. O velho e o novo em arqueologia amazônica. **Revista USP**, 44: 86-111, 1999-2000) O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, [S. l.], v. 8, n. 12, 2006. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1406>.

No Pantanal Brasileiro. *Journal of Digital Media & Interaction*. <https://proa.ua.pt/index.php/jdmi/article/view/21243>

OLIVEIRA, Luciano Amaral (org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013

ONU. **ContraCorrente**: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, 14, Article 14.

PADUA, José Augusto. **As Bases Teóricas da História Ambiental**. Estudos Avançados (USP. Impresso). V.24, p. 81- 101, 2010.

PAULO, D. M. D. **Os mitos da Brasil Paralelo—uma face da extrema-direita brasileira (2016- 2020)**. *REBELA-Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos*, Florianópolis, v. 10 n. 1, 2020.

PEREIRA DE GUSMÃO, P.; BORGES MEDEIROS PAVÃO, B. (Des)construção da gestão ambiental no Brasil: De Paulo Nogueira Neto (1973) a Ricardo Salles (2020). **AMBIENTES: Revista de Geografia e Ecologia Política**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 218, 2020. DOI: 10.48075/amb.v2i2.26588. Disponível em: <https://erevista.unioeste.br/index.php/ambientes/article/view/26588>.

PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 13, n. 34, e0201, set./dez. 2021. <http://dx.doi.org/10.5965/2175180313342021e0201>

RAJÃO, Raoni et al. O risco das falsas controvérsias científicas para as políticas ambientais brasileiras. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 37, n. 01, p. 317–352, 2022. DOI: 10.26512/S&E.v37i1.44658. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/44658>.

RANGEL, Alberto. **Inferno verde**: cenas e cenários do Amazonas.

RECUERO, R., & SOARES, F. B. (2021). **Desinformação e Meio Ambiente**: O caso das Queimadas

RIBEIRO MENDES, J. Pyne, Stephen (2019). Bem-vindo ao Piroceno. Uma criatura de fogo refaz um planeta de fogo. **Anthropocenica. Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica**, [S. l.], v. 3, 2022. DOI: 10.21814/anthropocenica.4204. Disponível em: <https://revistas.uminho.pt/index.php/anthropocenica/article/view/4204>.

RUDNITZKI, E., SCOFIELD, L., & OLIVEIRA, R. (2021, July 29). **A boiada invade a tela**. Agência Pública. <https://apublica.org/2021/07/a-boiada-invade-a-tela/>
SALGADO, J.; FERREIRA JORGE, M. **Paralelismos em disputa**: O papel da Brasil Paralelo na atual guerra cultural. *Revista Eco-Pós*, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 726–738, 2021.

Salles, D., de Medeiros, P. M., Santini, R. M., & Barros, C. E. (2023). **The Far-Right Smokescreen: Environmental Conspiracy and Culture Wars on Brazilian YouTube**. *Social Media + Society*, 9(3). <https://doi.org/10.1177/20563051231196876>

SANTOS, A. C. Dos.; MARQUES, G. G. B. Dos S.; RODRIGUES, S. G. G.. A ironia como zona de confronto entre diferentes vozes/dizeres em comentários do Facebook. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 14, n.1, p. 28-50, jan. 2019.

SANTOS, C. D.; OLIVEIRA, A, M.; MENDONÇA, R. F.. **Cortina de fumaça: Negacionismo ambiental e imaginário colonial no Youtube**. *Mídia e Cotidiano*, v. 18, p 74-95, 2024

SENKMAN, L., & RONIGER, L. (2019). **América Latina tras bambalinas**: Teorías conspirativas, usos y abusos. Ubiquity Press.

SETZER, Alberto W., FERREIRA, Nelson J. **Queimadas e incêndios florestais : mediante monitoramento orbital**. São Paulo : Oficina de Textos, 2021.

SILVA, J. A.; COLACIOS, R. D.. 1964 - **O Brasil entre armas e livros**: negacionismos e revisionismo da história. *Revista de Historia Social y de Las Mentalidades*, [S.L.], v. 27, n. 1, p. 122-159, 14 jun. 2023. University of Santiago of Chile.

SILVA, J. da S. e. (2020). “**NOSSA AMAZÔNIA PERMANECE PRATICAMENTE INTOCADA**”: A AMAZÔNIA NO DISCURSO DO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO NA

TOMAIM, C. S. “O documentário e sua ‘intencionalidade histórica’”. Doc On-line, Revista Digital de Cinema Documentário, n. 15, p.11-31, dez. 2013

WILLMS, Elni Elisa; SILVA NOGUEIRA, Izabele Joana. Educação Ambiental e incêndios no Pantanal em 2020: “Foi um choque de pôr juízo em doido”. **Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 1–19, 2022. DOI: 10.14295/ambeduc.v27i2.14850. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/14850>

ANEXOS

Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão, 23 de agosto de 2019

Boa noite. Dirijo-me a todos para tratar da nossa Amazônia que, nas últimas semanas, tem atraído crescente atenção do Brasil e do mundo.

A Floresta Amazônica é parte essencial da nossa história, do nosso território e de tudo que nos faz sentir ser brasileiro. Nossas riquezas são incalculáveis, tanto em matéria de biodiversidade quanto de recursos naturais.

Devido à minha formação militar e à minha trajetória como homem público, tenho profundo amor e respeito pela Amazônia. A proteção da floresta é nosso dever.

Estamos cientes disso e atuando para combater o desmatamento ilegal e quaisquer outras atividades criminosas que coloquem a nossa Amazônia em risco. É preciso lembrar que naquela região vivem mais de 20 milhões de brasileiros, que há anos aguardam dinamismo econômico proporcional às riquezas ali existentes.

Para proteger a Amazônia não bastam operações de fiscalização, comando e controle. É preciso dar oportunidade a toda essa população, para que se desenvolva junto com o restante do País. É nesse sentido que trabalham todos os órgãos do governo.

Somos um governo de tolerância zero com a criminalidade. E na área ambiental não será diferente. Por essa razão, oferecemos ajuda a todos os estados da Amazônia Legal. Com relação a aqueles que a aceitarem, autorizarei operação de Garantia da Lei e da Ordem, uma verdadeira GLO ambiental. O emprego extensivo de pessoal e equipamentos das Forças Armadas, auxiliares e outras agências permitirão não apenas combater as atividades ilegais, como também conter o avanço de queimadas na região.

Estamos numa estação tradicionalmente quente, seca e de ventos fortes, em que todos os anos infelizmente ocorrem queimadas na Região amazônica. Nos anos mais chuvosos as queimadas são menos intensas. Em anos mais quentes, como nesse, 2019, elas ocorrem com maior frequência.

De todo modo, mesmo que as queimadas deste ano não estejam fora da média dos últimos 15 anos, não estamos satisfeitos com o que estamos assistindo. Vamos atuar fortemente para controlar os incêndios na Amazônia.

É preciso, por outro lado, ter serenidade ao tratar dessa matéria. Espalhar dados e mensagens infundadas, dentro ou fora do Brasil, não contribui para resolver o problema, e se prestam apenas ao uso político e à desinformação.

O Brasil é exemplo de sustentabilidade. Conserva mais de 60% de sua vegetação nativa, possui uma lei ambiental moderna e um Código Florestal que deveria servir de modelo para o mundo. Temos uma matriz energética limpa, renovável e com ela estamos dando importante contribuição ao planeta.

Diversos países desenvolvidos, por outro lado, ainda não conseguiram avançar com seus compromissos no âmbito do Acordo de Paris. Seguimos como sempre abertos ao diálogo, com base no respeito, na verdade e cientes da nossa soberania.

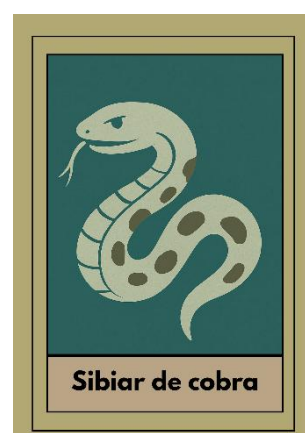
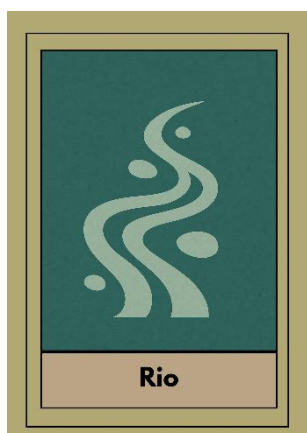
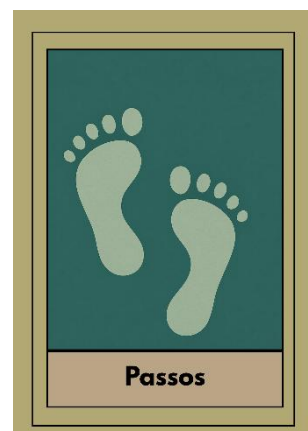
Outros países se solidarizaram com o Brasil. Ofereceram meios para combater as queimadas, bem como se prontificaram levar a posição brasileira junto ao G7. Incêndios florestais existem em todo o mundo e isso não pode servir pretexto para possíveis sanções internacionais.

O Brasil continuará sendo, como foi até hoje, um País amigo de todos e responsável pela proteção da sua floresta Amazônica.

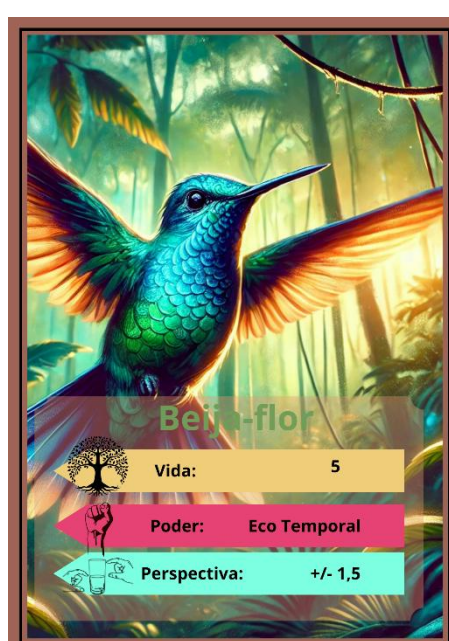
Boa noite.

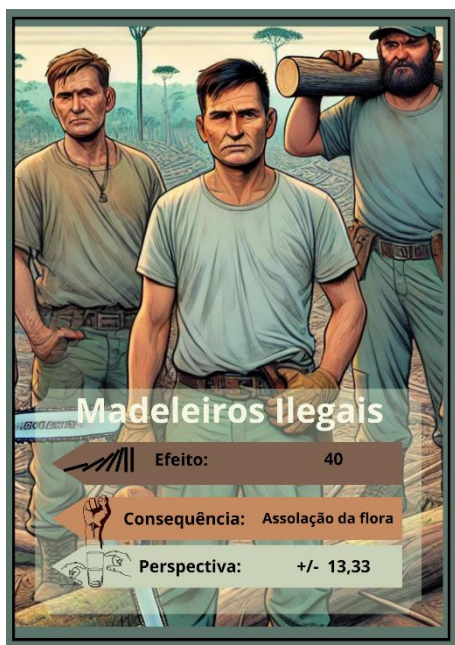
A lenda de Kauê

Peças para jogo dos sons:

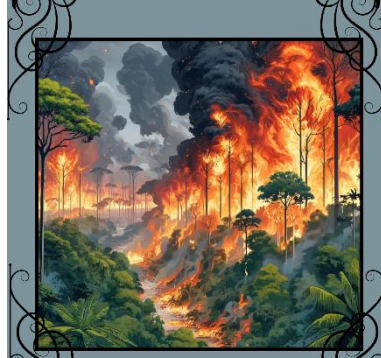


Card games





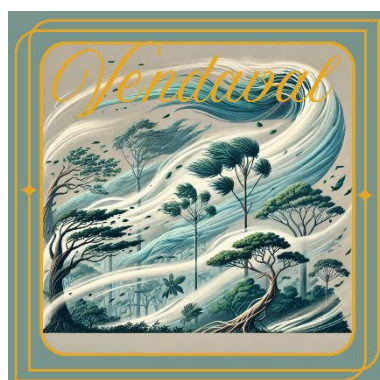
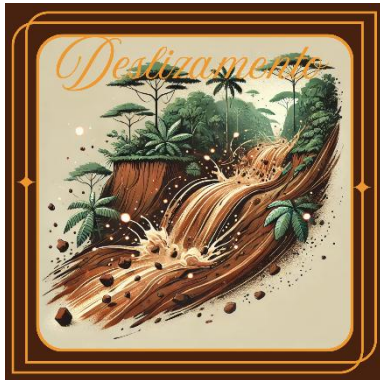
Peças para jogo da memória:



Quebra cabeça:



Batalha dos elementos:



Manual para o jogo:





Apresentação

O presente jogo foi idealizado e criado pela aluna Laryssa dos Santos Ribeiro, graduanda em história da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, sobre orientação do Professor Doutor Fernando Bagiotto Botton. *A Lenda de Kauê* teve sua criação ligada ao produto de um projeto de pesquisa Pibic relacionado ao ano de 2024-2025, com incentivo via bolsa CNPq, com foco de pesquisa em “Tempo e floresta no pensamento ameríndio brasileiro”, desse modo a presente realização visou a criação de um jogo lúdico voltado para o público escolar do ensino fundamental II, visando adaptar concepções ligadas a cosmovisões e perspectivismo ameríndio em forma de um matéria de apoio didático.

Desse modo lhe desejo uma boa jornada acompanhando a trajetória de Kauê e seus amigos.



Introdução





A lenda de Kauê

Como jogar

Nosso jogo é dividido em três momentos. Você irá se deparar com a história de Kauê e a sua missão para resgatar o espírito ancestral primordial da floresta Amazônica, Mavurá. Mas a sua missão não será tão simples assim jogador (a), você terá que passar por fases para desbloquear a história do nosso pequeno garoto em sua jornada, e também aprenderá sobre aspectos da Floresta Amazonica e de comunidades locais.

Essa experiência é dividida em três fases. A primeira é a história de Kauê, que você irá conhecer ao longo desta jornada, a segunda fase são os mini jogos que você terá que jogar para desbloquear uma nova fase, e a terceira são pequenos quadros explicativos que você poderá consultar dentro deste livro.



A lenda de Kauê

Como jogar

Ao longo desta jornada você irá utilizar as cartas disponibilizadas em conjunto ao jogo, assim como também as ampulhetas com tempos diferentes o pequeno dado e o mapa que o levará até mavurá.

As instruções para cada mini jogo estará contida neste livro, nas seções que separam os capítulos.

Cada mini jogo deverá ser jogado por um jogador diferente, sendo estes Kauê, a onça pintada, a formiga cortadeira e o beija-flor. Cada um dos nosso personagens possui um valor de vida, uma habilidade (que estará presente dentro da nossa história) e um valor de perspectiva.



A lenda de Kauê

Como Jogar

A perspectiva dos personagens é um terço do valor de suas vidas, se você ganhar ou perder pontos em algum dos mini-jogos, o valor será acrescentado ou descontado de sua vida, e isso irá refletir diretamente também na perspectiva do jogador. Cuidado, proteja a sua perspectiva, ela será muito importante para a batalha final de Kauê.

Os espíritos da floresta lhe presentearam com alguns artefatos especiais, eles iram lhe ajudar em sua jornada, e acima de tudo, nos mini jogos. Eles iram interferir em sua vida e em sua perspectiva, uma pequena ajuda na busca por Mavurá. Mas uma coisa jogador (a), ao final de cada fase bem executada, você poderá montar uma peça de quebra-cabeça de um cantil que será utilizado para acordar Mavurá

A lenda de Kauê

Artefatos e Objetos

Esses são presentes dados pelos espíritos da floresta para lhe auxiliar em sua missão... Cada objeto só poderá ser usado uma vez.

Amuleto de Anhangaboia



O amuleto o conecta a grande cobra Anhangaboia, uma protetora destemida da floresta e protetora pessoal de Mavurá. A grande cobra concordou com a busca pela sua mestre, mas como também foi afetada pela destruição da floresta amazônica, apenas possui força para um último ataque final contra seus opressores antes de adormecer até o retorno de sua mestre.

Frasco de água da Fonte Ancestral



A água da Fonte Ancestral é capaz de curar completamente qualquer machucado causado a Kauê ou aos seus amigos animais, revitalizando todos os pontos de perspectiva perdidos ao longo do jogo

Tâmira



Este é um fruto lhe dado diretamente pelos Espíritos da floresta Amazonia. Ele é um alimento muito poderoso e capaz de revitalizar a sua perspectiva em até três pontos.

Lança Yuru



A lança Yuru foi feita pelos próprios espíritos da floresta, e lhe conecta com os seus antepassados, desse modo a sua força é multiplicada por dois, desse modo ela pode ser utilizada tanto para ataque quanto para defesa, lhe somando 5 pontos de perspectiva ou subtraindo 5 pontos de perspectiva de seu oponente.

Bolsa de viagem



A bolsa, ao contrário dos outros objetos, não possui poderes místicos, mas ela lhe auxiliará a guardar as peças do cantil de Mavurá que você encontrará ao longo de sua jornada.

A lenda de Kauê

Uma terra chamada Pindorama



Oi, eu sou o Kauê. Eu acho que são vocês que irão acompanhar a minha trajetória.



Bom, eu acho justo vocês conhecerem um pouquinho de mim se vão me seguir nessa. Bom... eu gosto de açaí, de batata frita, tenho 11 anos... e fui o único sobrevivente da minha aldeia. Acho que começamos de um jeito bem leve, bom foi mais ou menos assim: quando eu era bem pequeno, tinha uns 5 anos, um grupo de garimpeiros se articularam para destruir a minha comunidade. Aparentemente onde morávamos tinha muito ouro e a minha comunidade não tinha planos de abandonar nossa terra.



A minha mãe me carregou nos braços enquanto meu pai ficou para lutar, mas enquanto corria ela foi atingida por uma arma de fogo. Mas mesmo assim ela continuou correndo e correndo, até consegui me deixar em um lugar seguro.

Passamos a noite inteira em baixo de uma árvore, acho que era um pé de graviola na verdade, era a fruta favorita da minha mãe inclusive. Mas ela foi ficando cada vez mais fraca, então ela me pediu para seguir o Rio Amazonas, me falou que se eu caminhasse certinho encontraria uma comunidade de pescadores que me ajudariam. Eu fiz o que minha mãe pediu, eu juro, pelo menos fiz tão bem quanto uma criança de cinco anos conseguiria. Eu cheguei na comunidade ribeirinha que ela falou e lá fui acolhido por um casal sem filhos, mãe Rita e pai José, foram eles que me criaram, me acharam no dia seguinte, machucado, com fome e honestamente, sem entender muito bem o que estava acontecendo. Eu me lembro de só querer minha família.





Quando cresci um pouco pai José me contou o que havia acontecido com a minha aldeia. Ele me disse que seguiu o caminho do rio para ver se encontrava minha mãe, mas nunca a achou. E foi assim que me tornei o único sobrevivente da minha família. Mãe Rita me disse que nos primeiros dias eu só chorava, mas ela sempre me dava o máximo de açaí que um garoto poderia conseguir comer. Com o tempo eu fui para a escola local, comecei a gostar de história e me esqueci daquele dia. Eu juro que não foi por mal sabe? Eu realmente tento me lembrar, mas simplesmente não consigo, assim como também não consigo me lembrar dos meus pais.

Toda essa história nos leva a três dias atrás, olha só que legal. Eu resolvi entrar um pouquinho mais na floresta (mãe Rita odeia quando faço isso) e vi um grupo de homens meio mal encarados falando baixinho, e eles com certeza não eram da região. O problema é que eles me viram e acho que isso não era uma coisa boa para mim, porque dois segundos depois eles me cercaram, e assim, realmente não gosto de ser jogado no chão por meia dúzia de homens esquisitos.



Provavelmente eu deveria ter gritado, mas não acho que algum me ouviria, mas então quando todas as minhas esperanças estavam acabando uma formiga picou a minha mão, com certeza melhorou muito minha condição. De longe eu ouvia o canto de um beija-flor, acho que ele estava se aproximando, mas como em um estralo uma onça apareceu, absolutamente do nada, e devo dizer que era uma onça bem grande, era uma pintada, mas com certeza não era comum. Mais dez segundos depois ela afastou os homens estranhos e acho que ouvi algum deles falar um “corre Roberto”. Até aqui estava tudo normal, mesmo com a possibilidade iminente de virar almoço de uma onça-pintada que do nada... começou a falar, foi um “pronto” na verdade. Sim gente, tudo absolutamente normal, não concordam. Calma, sempre tem como ficar mais esquisito.

Mais um punhado de tempo depois apareceu um grupo de pessoas?, Não eram bem pessoas, mas brilhavam e estavam sérios. Em algum momento me levantei, e a formiga que me picou realmente pareceu observar o que estava acontecendo, e o beija-flor que estava cantando realmente se aproximou, e assim do nada eu realmente tinha uma missão





dada pelos espíritos ancestrais da floresta amazônica. Haram, isso mesmo que você leu. Os espíritos da floresta amazônica mandaram uma onça pintada falante para afastar os homens mal encarados, e a formiga e o beija-flor que a essa altura já estava do meu lado começaram a observar os espíritos. Você gostaria de um tempo para assimilar bem a história?

Honestamente eu acho que eles poderiam ter feito uma apresentação melhor, mas só falaram “nós somos os espíritos da floresta Kauê”, quero dizer, eu ainda estava assimilando tudo, então uma explicação melhor com certeza seria ótimo. Mas bem algum tempo depois, o necessário para a formiga e o beija-flor perceberem que agora também conseguiam falar e aparentemente ter algum tipo de consciência mística, os espíritos me falaram que me salvaram para me colocar em uma missão, a irmã mais velha deles, alguém chamada Mavurá estava desaparecida a 90 anos, pois é, um tempão. e aparentemente uma onça falante, uma formiga, um beija-flor e uma criança seriam os mais apropriados para procura-la.



Parece que Mavurá desapareceu quando estava indo para alguma fonte ancestral, e seus irmãos não podem ir atrás dela devido as ameaças, vocês sabem, madeireiros, garimpeiros, caçadores... ao que parece essas são ameaças pertencentes a um plano material e eles estão em um plano imaterial, então não podem ir atrás da irmã deles, mas com certeza podem me colocar nessa missão, e aparentemente, você também.

Mas eles nos deram uns artefatos bem legais para usarmos na nossa jornada, bem, para você usar na nossa jornada. A onça pintada e o beija flor foram na frente, aqui restaram eu e a formiga, e estamos seguindo a trilha que os espíritos nos passaram, essa bem aqui em baixo. Então já que estamos nessa, boa sorte para nos, vamos achar a Mavurá e me levar de volta para casa.

A antes que eu esqueça, acho importante vc saber isso sobre mim também, de alguma forma meus pais foram informados sobre essa missão, e aparentemente concordaram, então agora sim, vamos atrás da Mavurá.





Você sabia?

Massacre de Haximu

A história de Kauê foi inspirada em um acontecimento real. O massacre de Haximu ocorreu em 1993 e foi uma chacina de indígenas do grupo étnico Yanomami, no estado de Roraima. Na ocasião um grupo de garimpeiros se articularam para realizarem o crime que culminou no assassinato de 16 indígenas yanomamis, em sua maioria mulheres e crianças. O caso foi o primeiro a ser julgado como

genocídio na história do Brasil.

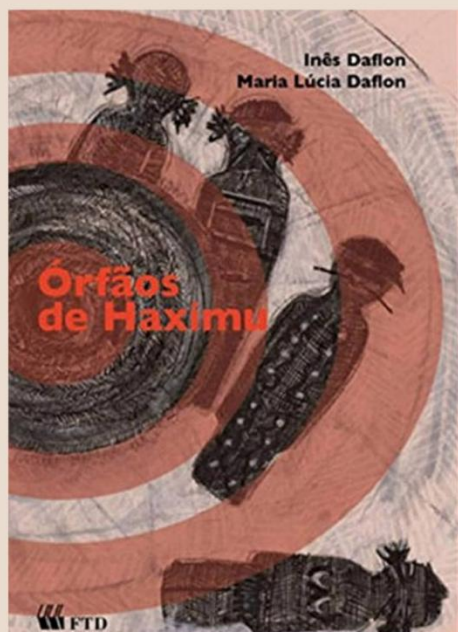


Saiba mais:

<https://youtu.be/yBEy3INAQUk?si=9NCTKeh9k84YeP-z>

Sugestão de livro

Órfãos de Haximu



Inês Daflon e Maria Lúcia Daflon

Sinopse: Daniel, filho de uma índia brasileira com um médico inglês, conta sua história: ele e a irmã gêmea nasceram numa reserva indígena em Roraima. Por motivos ligados à cultura Yanomami, apenas um deles deveria sobreviver. Por isso, o pai foge com o menino para a Inglaterra. Já adulto, Daniel recorre ao estudo da Antropologia para entender melhor seu passado.

Nível 1

Narração de Kauê

Bom... de acordo com o mapa o primeiro ponto que teremos que passar é por uma área de madeira ilegal. Se você ver bem acima da madeira do mapa tem o lugar onde ficava minha antiga aldeia, serio que os espíritos não poderia me colocar em um lugar com um pouquinho menos de memorias ruins?

Parece que você precisará ajudar a formiga a passarmos por esta fase, hora do mini jogo. Esta é uma batalha dos elementos, você terá que utilizar os cards dela. Os separa em duas fileiras, você deverá pegar uma carta de uma fileira e em seguida uma carta da outra, para este jogo não será necessário marcarmos o tempo. A sua ação de acordo com o que os espíritos falaram irá afetar a formiga, e ela será importante para nos tirar desse lugar. Basicamente nesta batalha de elementos as cartas devem se equilibrar, por favor as embaralhe antes de começar.

Batalha dos elementos

Nível 1



Fogo vence



Terra (o fogo queima as plantas)



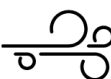
Água vence



Fogo (a água apaga o fogo)



Terra vence



Ar (a terra bloqueia o vento)



Ar vence



Água (o vento dispersa a água)

Instruções: Combata os desastres naturais com uma batalha de elementos. separe as cartas de elementos das cartas de desastres, em seguida as embaralhe, vire para baixo, e retire uma carta de uma pilha seguido por uma carta de outra pilha

Atenção: para cada combinação acertada acrescente mais 3 pontos a vida da formiga, para cada combinação errada retire 3 pontos da vida da formiga

Narração de Kauê

Ufa, acho que essa foi por pouco. Deixe-me lhe contar o que aconteceu por aqui enquanto isso. Nós passamos por um grupo de madeireiros, varias árvores estavam derrubadas. O som das motosserras era realmente muito alto, até a onça pintada ficou com medo, mas descobrimos o que a bidimensionalidade dela faz. Olha só que legal, a onça consegue ficar entre esse mundo e o mundo espiritual e ai ela conseguiu se esconder lá, acho que ela deve ter conversado com os espíritos porque quando voltou ela parecia bem mais corajosa e também maior, mas foi a formiga que tirou varias arvores caídas do caminho para que pudéssemos passar. Acho que agora podemos continuar a nossa jornada, até breve!

Você sabia?

A extração ilegal de madeira na Amazônia aumentou em cerca de 19% em 2024, sendo um dos principais problemas ambientais da região, ameaçando a fauna, a flora e as comunidades locais



Saiba mais em: <https://imazon.org.br/imprensa/extracao-ilegal-de-madeira-aumentou-19-na-amazonia/>

Nível 2

Jogo dos erros

Nível 2

Encontre os erros nas cenas seguintes.

Instruções:

- Escolha um personagem dos card games para participar do jogo.
- Jogue o dado contido no jogo para definir quais das cenas você deverá buscar as diferenças.
- Encontre as inconsistências nas cenas contidas nas páginas seguintes, você terá dois minutos para encontrar todos os erros na imagem, utilize a ampulheta cor de rosa para marcar o seu tempo.
- Cada acerto contará um ponto a mais na sua vida, e cada falha contará meio ponto a menos.

Bom jogo!



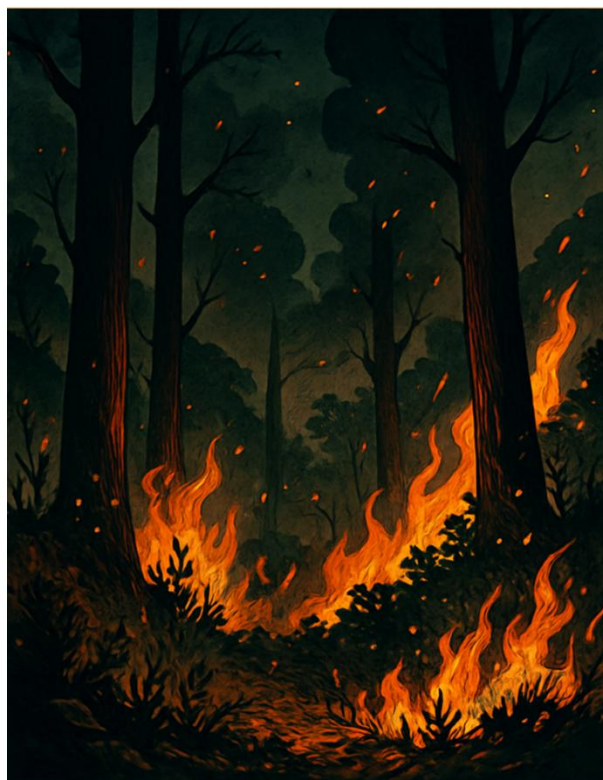
Logo dos erros 1: Média dificuldade

Nível 2



Logo dos erros 2: Média dificuldade

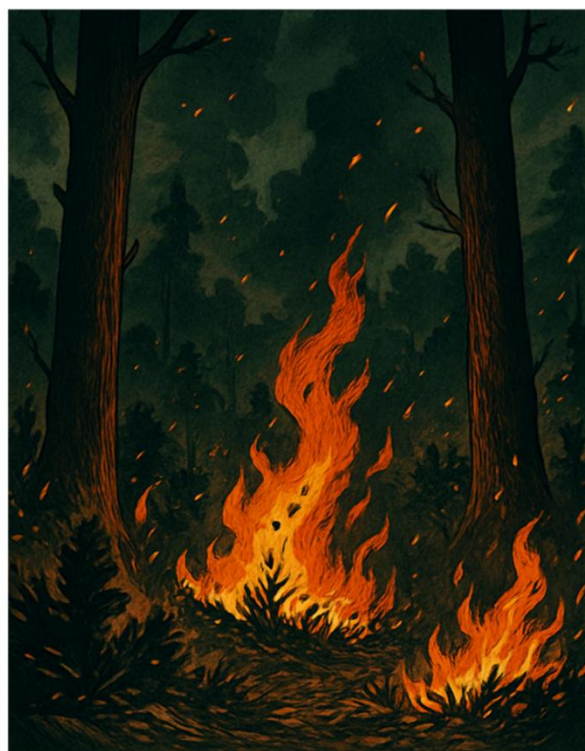
Nível 2





Jogo dos erros 3: Média dificuldade

Nível 2



Jogo dos erros 4: Baixa dificuldade

Nível 2





Jogo dos erros 5: Média dificuldade

Nível 2



Jogo dos erros 6: Baixa dificuldade

Nível 2



Você sabia?

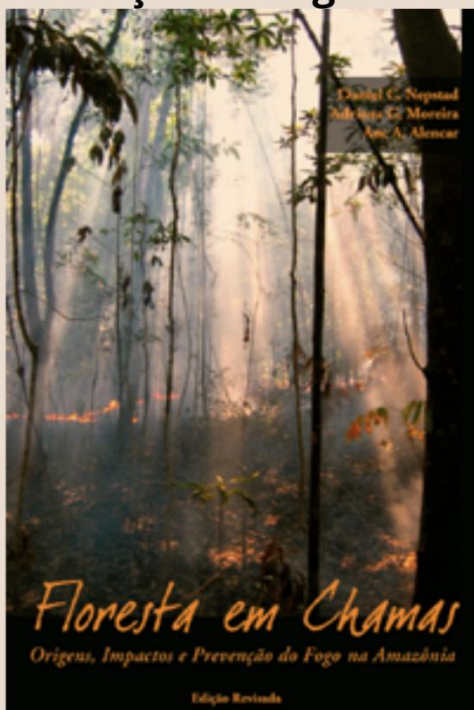
Incêndios florestais na Amazônia

A Floresta Amazônica é a maior floresta tropical do mundo e passa por vários países da América Latina como Guiana Francesa, Suriname, Guiana, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia e o Brasil. Algumas das suas características além da sua biodiversidade é que se trata de uma floresta úmida, mas isso não impede que ela pegue fogo.

Algumas das consequências dos incêndios florestais na Amazônia são a perda de biodiversidade, alteração de ciclos ecológicos, emissão de gases e fumaça, e degradação do solo. Para os animais, estes perdem seus abrigos, e sua segurança, e para os humanos, as queimadas podem causar problemas respiratórios, além de prejudicar comunidades tradicionais como os ribeirinhos e os indígenas.

Sugestão de Livro

Floresta em chamas: Origens, impactos e prevenção do fogo na Amazônia



A obra de 1999 aborda sobre a utilização do fogo na floresta amazônica e o seu impacto, trazendo também informações como os tipos de fogos e os principais danos causados pelos incêndios florestais.

Nível 3

Jogo dos sons

Escanei os QR codes e relacione os sons com as cartas. Este jogo deverá ser jogado em dupla.

Instruções: Peça para que sua dupla escaneie os códigos presentes na pagina seguinte, e selecione os jogadores para a realização do jogo, você pode consulta-los pelos cards games. Para este nível os jogadores possíveis são Kauê, a onça-pintada, o beija-flor e a formiga. Você terá apenas 1 minuto para realização do jogo, use a ampulheta verde para marcar o tempo.

Lembre-se de embaralhar as cartas de nível três certo? As estenda viradas para baixo sobre uma superfície plana, ao longo do jogo vire uma a uma conforme os sons expostos

Pontuação:

Jogador 1: você estará no controle das cartas, para cada som acertado acrescente 5 pontos e sua vida, para cada som errado retire 1 ponto.

Jogador 2: você estará controlando os sons, para cada som que sua dupla acertar acrescente 1 ponto em sua vida, você não perderá pontos por erros.

Jogo dos sons - QR Codes

Nível 3



Bônus



Você sabia?

Antropoceno

O termo antropoceno refere-se a um momento histórico e geológico ao qual a ação humana passa a causar efeitos ambientais e climáticos no mundo, chegando a um ponto de não retorno devido aos impactos estruturais. Cientistas não chegaram a uma conclusão de quando efetivamente as ações humanas passaram a causar impactos irreversíveis, e portanto a expressão não foi aceita enquanto um período geológico.

Entretanto o termo permanece sendo utilizado, principalmente para se referir aos impactos causados pela ação humana, ganhando variações de termos como *capitaloceno*, *piroceno*, *plantecioceno* e entre outros.



Saiba mais:

<https://youtu.be/XsEl0Xz5weE?si=j8g8ErXuIPHxmVZE>

Sugestão de livro:

Antropoceno: Sobre modos de compor mundo



A coletânea organizada por Stelio Marras e Renzo Taddes trás reflexões acerca de temáticas como o antropoceno e suas variáveis. Os capítulos presentes na coletânea possuem autorias diversas que irão tratar de temáticas distintas, trazendo reflexões sobre mudanças climáticas e clise ambiental.

Nível 4



A lenda de Kauê

Jogo da memória

Preparado (a) para a próxima rodada?

Esta na hora do jogo da memória, o seu resultado irá afeta a perspectiva do beija flor. Você terá três minutos para acertar o máximo de pares possível, por favor não se esqueça de marcar o tempo.

A cada dois pares acertados você pode somar um ponto na vida do beija flor, e a cada dois errados você deve subtrair meio ponto (lembrando que a perspectiva é um terço da vida certo?).

Se você acertar menos de oito temos um bônus para para você. Monte o quebra cabeça em 15 segundos e some um ponto na sua perspectiva.

Bom jogo!



Narração de Kauê

Veja bem, eu estou irritado, realmente irritado, e acho que tenho o direito disso. Eles não percebem o perigo que nos colocaram? Esses homens são realmente perigosos. O pobre beija-flor poderia ter se machucado muito nessa batalha. Ele não me parece tão bem agora, as suas asas parecem machucadas, mas de alguma forma parece feliz, como um pássaro pode exatamente parecer feliz? por favor não me pergunte sobre isso, mas até semana passada ele também não falava então acho que deve ser possível.

-Eu não entendo isso beija-flor. Estamos nessa missão perigosa, mandada por espíritos não humanos, enfrentando perigos que são bem humanos e tudo isso porque sobrevivi a um atentado contra minha vida e perdi minhas raízes? Eu literalmente só sou uma criança.

-Eu sei garoto, parece que você se esqueceu que até semana passada eu estava feliz vivendo como um pássaro comum, não falava e agora também estou nessa com você.





Narração de Kauê

-Eu sei, me desculpe por isso, é só que... eu nem lembro deles sabe? Dos meus pais verdadeiros. Eu não lembro do rosto, não lembro da voz, não lembro do cheiro. Eu só lembro de ser carregado pela floresta, mãe Rita disse que eu estava machucado e com medo, e que minha mãe deve ter corrido muito para me deixar em um lugar seguro.

-Kauê, lembra das habilidades que os espíritos falaram que poderíamos usar?

-Eu ainda não entendi muito bem para o que essa canção ancestral serve na verdade...

-Claro que não entendeu, ainda não está na sua hora, mas acho que está na minha, e acho que entendi porque os espíritos me deram o eco temporal. Sabia que nós, os beija-flores, somos os únicos pássaros que podem voar para trás? Somos quase como o tempo, olhando para trás mas estando aqui e agora. Eu acho que consigo fazer uma coisa para você Kauê, se você quiser é claro.



Narração de Kauê

Eu não posso mudar o passado, mas acho que posso te mostrar um pouco dele, acho que posso te mostrar os seus pais.

-E você só me fala isso agora beija-flor?

-Me desculpa, mas também não é como se eu soubesse exatamente do que os espíritos estavam falando, mas agora eu acho que isso é sobre você Kauê. Isso não é só sobre a gente achar a Mavurá, mas também é sobre você se lembrar de quem você é. Você é o único sobrevivente, e acho que os espíritos querem algo por isso.

Algo de mim? Isso me parece uma grande pegadinha dos espíritos. Se eles me perguntarem o que quero deles a resposta seria apenas uma: voltar pra casa. Mas não tive muito tempo para pensar sobre isso, em algum momento no meio dos meus devaneios beija-flor começou a brilhar. Eu sei, mas devemos realmente nos lembramos de que estou em uma missão para acordar um espírito adormecido antes de você achar esta história estranha certo? Certo.



A lenda de Kauê

O ponto aqui é que meu amigo beija flor esta brilhando de uma forma bem esquisita em verde, e de alguma forma acho que não estamos mais próximos de onde deixamos os madeireiros. Bem, pela minha logica parece que ainda estamos perto, mas de alguma forma beija-flor nos colocou dentro de uma neblina verde fluorescente, e no meio dessa neblina estou vendo um garoto com seus pais, e de alguma forma (não me pergunte como) sei que é minha família, sei que sou eu. Isso não parece real, mas também parece real demais. Acho que beija-flor esta me mostrando uma memoria, e de alguma forma essa memoria tem cheiro de graviola.

A lenda de Kauê



Narração de Kauê

- São meus pais beija-flor? São realmente os meus pais?
- São sim, tenho certeza disso. Como é o cheiro da sua mãe?
- É maravilhoso
- Então... agora estamos prontos para o próximo passo?

Ele realmente parecia esperançoso com isso.

- Estamos sim. Vamos encontrar a onça-pintada e a formiga.

Você sabia?

Existe diferentes formas de compreender o que é o tempo

A noção de tempo é principalmente uma concepção humana de passagem. Existe diferentes formas de se encarar o tempo, partindo, por exemplo, pelos ciclos da própria natureza, como o tempo das colheitas, as cheias de rios, os ciclos lunares. Há também a concepção de tempo linear, onde existiria um passado, um presente e um futuro e o tempo cronológico. O tempo possui muitas formas, mesmo dentro da história.

Por exemplo, para a comunidade indígena Muduruku o futuro não existe. por isso eles acreditam em viver o presente como nunca antes.

A ideia do que é o tempo pode variar de cultura para cultura, e de tradição para tradição. Como se lida com o passado, como se vive o presente e a perspectiva de futuro é mutável.

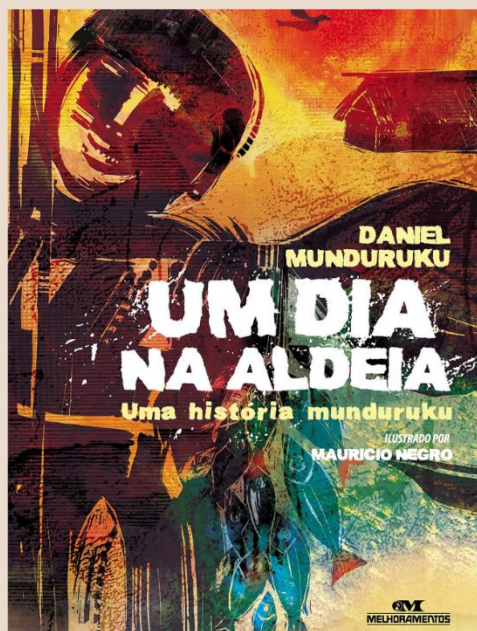
Como você encara o tempo?



Saiba mais:

<https://youtu.be/UXI-Y8FfNp0?si=beEeABs4V7H09YbZ>

Sugestão de livro



O livro do escritor indígena Daniel Munduruku. Daniel é do grupo étnico Munduruku, que habitam principalmente regiões no Pará, Amazonas e Mato Grosso. O seu livro retrata as experiências e vivências de um garoto em sua aldeia, sua relação com a natureza e outros membros de seu grupo.

Jogo das Perspectivas

Luta final



A lenda de Kauê

Como funciona o jogo das perspectivas?

Olha só onde chegamos? Bem vindo (a) a batalha final. O nosso jogo das perspectivas é bastante simples na verdade, mas você precisará de um pouquinho de matemática. some todos os seus pontos a vida de seus personagens e divida o valor por três, assim você terá a sua perspectiva, para lhe ajudar você verá nas próximas paginas uma tabela, escreva nela os seus valores até agora.

Depois que você tiver seus valores separa as cartas de *cards games* em duas fileiras, na primeira fileira embaralhe as cartas de **Kauê, Onça pintada, Formiga, Beija-flor, Deuses Ancestrais, Mavurá e Anhangaboia**. Na segunda fileira embaralhe as cartas de **Incêndio florestal, Garimpeiros, Mineradores e Madereiros**. Vires as cartas das duas fileiras para baixo, e em quatro rodadas separe uma carta da primeira fileira e uma da segunda e compare as perspectivas com os pontos alcançados



A lenda de Kauê

Como funciona o jogo das perspectivas?

Lembra dos objetos e artefatos que os Deuses Ancestrais te presentearam? Agora é a hora de usa-los, mas só se a situação estiver difícil certo?

Você pode escolher algum objeto por rodada para aumentar os seus pontos, mas com uma condição, você deve jogar novamente algum dos minijogos de sua escolha. Você terá dois minutos para qualquer minijogo escolhido.

Atenção: os mini jogos nesse ponto não lhe darão pontos extras, eles apenas irão desbloquear os presentes dos deuses

Bom jogo!





A lenda de Kauê

Tabela de perspectivas

Personagem	perspectiva	Acréscimos/ Decréscimos
Kauê	+/- 30	
Onça Pintada	+/- 5	
Beija-Flor	+/- 1,5	
Formiga Cortadeira	+/- 0,1	
Anhaboia	+/- 75	*****



A lenda de Kauê

Tabela de perspectivas

Personagem	Perspectiva base	Acréscimos/ Decréscimos
Caçadores	+/- 5	*****
Madeireiros	+/- 13,33	*****
Garimpeiros	+/- 10	*****
Incêndio	+/- 8,6	*****
Espíritos da floresta	+/- 100	*****

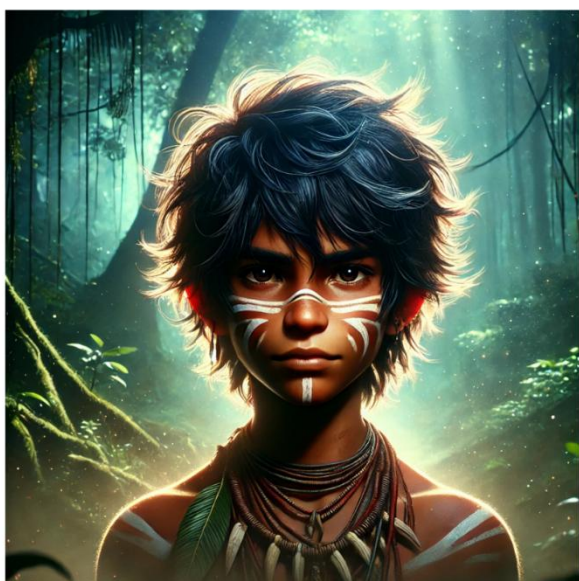


A lenda de Kauê

A muito tempo atrás um garoto, o único sobrevivente de sua tribo, recebeu uma missão dos espíritos da floresta, encontrar e acordar o grande espírito ancestral da floresta amazônica que adormeceu depois de tanta dor sentida. O garoto partiu em sua jornada com a ajuda de seus companheiros, uma onça pintada, um beija-flor e uma formiga cortadeira.

Juntos eles saíram na odisseia de suas vidas em uma história que seria contada e sussurrada pelo tempo. Seu nome era Kauê. Os madeireiros e mineradores ilegais da região contam ouvir seus passos durante e a brisa gerada pela sua corrida quando adentra a floresta, e a população ribeirinha que vive as margens do Rio Amazonas acredita que Kauê ainda está lá com seus amigos animais, protegendo o espírito ancestral de Mavurá que permanece descansando no coração da floresta amazônica, que descansa as margens da fonte sagrada, em uma tentativa de amenizar a sua profunda dor gerada pelas queimadas e desmatamento.

A lenda de Kauê



O último de seu grupo, o garoto se conectou novamente as suas origens através de sua canção ancestral, concedida pelos espíritos da floresta. Agora Kauê é um xamã, mas a tempos ninguém mais o vê nas matas, ele se tornou um andarilho dentro da floresta, a serviço dos espíritos, protegendo Mavurá, aguardando o seu retorno. Talvez algum dia Kauê volte, talvez não. Alguns habitantes locais acreditam que ele se tornou um espírito dentro da floresta, mas a única certeza, é a sua história.

Referencias bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **O espírito da floresta**. São Paulo: Companhia das letras, 2023.

LACERDA, Maria Conceição de. **O tempo e o espaço na concepção indígena Zoró**. Revista Saberes da UNIJIPA, v. 02, p. 130-142, 2018.

MARRAS, Stelio; TADDES, Renzo (org.); et al. **O Antropoceno: sobre modos de compor mundos**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022

MOREIRA, Vânia Maria Losada. **Terra, estratégias e direitos indígenas**. Revista Tempos Históricos, v. 18, p. 30-47, 2014.

MUNDURUKU, Daniel. **Antropologia de contos indígenas de ensinamentos**: Tempo de história. São Paulo: Moderna, 2005.

PADUA, José Augusto. **As Bases Teóricas da História Ambiental**. Estudos Avançados (USP. Impresso). V.24, p. 81- 101, 2010.

Referencias bibliográficas

PEREIRA, Ana Caroline B.. **Na Transversal do Tempo: natureza e cultura à prova da História**. 1. Ed. Salvador: EDUFBA, 2019. V. 1. 228p.

PEREIRA, Ana Carolina B. . **Tempo, Memória e História no pensamento indígena**. 2019.

POLASTRINI, L.F.. **Transculturação e identidades na obra de Daniel Munduruku**. 1. Ed. FI,2019.